



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO 150
JANEIRO 2014



Cuidar em fim de vida

Mensagem do Presidente

No ano de 2014 Portugal enfrentará um desafio da maior importância, esperando-se que se conclua o programa de assistência financeira ao nosso país que tanto tem condicionado a política económica e social. Na Europa, apesar dos tempos de incerteza que vamos continuar a viver, deseja-se que sejam criadas condições para uma visão mais aberta que favoreça o crescimento económico e a coesão interna, sem esquecer os problemas específicos que atingem os países periféricos.

A nível mundial, os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) entram no seu penúltimo ano de concretização, estando em curso o debate que irá conduzir à aprovação de uma nova agenda mundial para o desenvolvimento após 2015, marcada pela ambição de assumir políticas centradas nas pessoas, que eliminem a pobreza e possibilitem a prosperidade sustentável. O emprego e o crescimento constituirão questões centrais, tal como a integração dos aspetos sociais, económicos e ambientais do desenvolvimento. Ao mesmo tempo aspira-se a que venham a ser valorizadas as questões relacionadas com a boa governação e a consagração de instituições que garantam o Estado de Direito.

As fundações, como organizações da sociedade civil, serão chamadas a desempenhar um papel cada vez mais ativo no desenvolvimento das sociedades onde estão inseridas, devendo saber mobilizar os restantes atores sociais, de cuja atuação coletiva depende, em última análise, o sucesso da sua intervenção.

Por este motivo, a Fundação Calouste Gulbenkian, num momento tão dramático do nosso país, sem abandonar a sua matriz internacional, continua a assumir o seu compromisso com Portugal. É fundamental que no ano que agora se inicia os portugueses recuperem a confiança em si mesmos e o país possa retomar o caminho de um desenvolvimento mais inclusivo. Só assim poderá renascer a esperança que tanto temos feito por merecer.

No propósito de uma crescente proximidade à sociedade, a reabertura do Grande Auditório, depois de uma renovação profunda, tem um especial significado, na medida em que



se pretende oferecer à cidade de Lisboa e ao país um equipamento com uma programação mais diversificada e com novas valências.

Por outro lado, a Fundação pretende continuar a assumir-se como um grande centro de reflexão e de debate. Temos que ajudar a pensar o futuro, colaborando mais ativamente com outras fundações, universidades, criadores culturais e cientistas, parceiros sociais, entidades do terceiro sector, bem como o próprio Estado.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 150.JANEIRO.2014 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
COLABORAM NESTE NÚMERO Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Lopes | Ana Mena | DESIGN José Teófilo Duarte |
Eva Monteiro | João Silva [DDLX] REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga | IMAGEM DA CAPA © Getty Images | IMPRESSÃO Greca
Artes Gráficas | TRAGEM 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt |
www.gulbenkian.pt

A organização do sector público, por sua vez, exige uma atenção ponderada mas urgente. Continuaremos o ciclo de conferências “Sextas da Reforma” que resultou de uma parceria com o Banco de Portugal e o Conselho das Finanças Públicas e que tem como objetivo principal contribuir para a criação de uma opinião pública informada que pressione os protagonistas políticos a promover a indispensável reforma do sector público e a estimular soluções concretas e viáveis.

Serão retomadas as Conferências Gulbenkian, que este ano também serão dedicadas a uma análise sobre as políticas públicas essenciais em tempo de crise e incerteza.

Na área da saúde, a Plataforma Gulbenkian para um Sistema de Saúde Sustentável produzirá os primeiros resultados, previstos para Julho de 2014, esperando que se venha a criar uma nova visão para a saúde, para os cuidados que os Portugueses têm direito a receber e que o Estado lhes pode e deve assegurar.

A União Europeia vive a sua mais séria crise e assiste-se a um progressivo alheamento dos cidadãos. A Europa das Nações exige mais solidariedade, mais legitimidade e mais Europa. Iremos procurar contribuir para encontrar soluções inovadoras para o projeto europeu, apoiando iniciativas que possam influenciar os decisores a assumir o papel da Europa no mundo. Importa que este extraordinário projeto conheça um novo impulso inspirador. Assim, será aprofundada a parceria entre a Fundação e o think tank Notre Europe – Institut Jacques Delors, estando já planeadas iniciativas a realizar em Lisboa, Paris e Bruxelas, que se debruçarão sobre as questões fundamentais que afetam profundamente a Europa e os seus cidadãos.

Juntamente com algumas das principais fundações europeias promovemos o projeto “New Pact for Europe”, que tem como objetivo fomentar um debate público mais alargado sobre o futuro da União Europeia. Com ações tanto a nível nacional como europeu, esta iniciativa procura envolver não apenas os decisores políticos mas também os cidadãos e visa contribuir para um pensamento realista sobre como superar os desafios que a Europa enfrenta.

A viabilidade do modelo social europeu e o desemprego jovem são igualmente questões centrais que irão determinar o futuro do nosso continente. A Fundação está, por isso, a contribuir para a criação de uma rede de algumas das mais relevantes fundações de países do sul da Europa, com o objetivo de apresentar uma proposta conjunta de soluções.

A perpetuidade da Fundação, tal como foi assinalada pelo nosso fundador, exige um cuidado permanente. A preservação do nosso património constitui, por isso, uma prioridade, tal como a sustentabilidade dos custos da nossa estrutura que garantam a necessária flexibilidade de atuação que os tempos perturbados que vivemos recomendam.

Nos dois últimos anos, os nossos recursos têm vindo a aproximar-se gradualmente, a preços constantes, de valores do início deste século, depois de uma década em que os mercados financeiros foram seriamente abalados por duas profundas crises muito próximas, que, naturalmente, muito afetaram os investimentos aí realizados.

De forma a intensificar o impacto da sua ação e assegurar a continuidade dos projetos, a Fundação procurará alargar a sua rede de parcerias, quer nas atividades diretas, quer nas atividades de concessão de subsídios e bolsas. Pretendemos, por isso, que um mais amplo e mais diversificado conjunto de entidades se associem aos nossos projetos ou a projetos que apoiamos, beneficiando do valor acrescentado de uma atuação conjunta.

Consciente de que as cidades são problemas de uma complexidade crescente e assumindo a necessidade de cruzar a ciência com o território e com a economia, a Fundação prepara-se para lançar uma iniciativa no âmbito do desenvolvimento em contexto urbano, em colaboração com instituições de ensino superior, centros de investigação, associações empresariais e com o apoio dos poderes públicos.

No âmbito do conhecimento e da inovação, iremos criar um fórum, em cooperação com entidades e instituições académicas, bem como com polos de competitividade, para discussão dos obstáculos à transferência do conhecimento e das formas de os superar, aproximando a produção científica do mundo empresarial.

Temos de continuar a ser uma instituição ágil e inovadora, a participar nos exigentes desafios da sociedade do conhecimento e a construir perspetivas de longo prazo. A Fundação deve, por isso, aproveitar as oportunidades que o universo digital proporciona, indo igualmente ao encontro das expectativas que os beneficiários das nossas atividades têm em relação à instituição. Esperamos que a nova estratégia digital que estamos a preparar, e que começará a ser implementada em 2014, venha ter um impacto comparável ao que as bibliotecas itinerantes tiveram no passado.

Iremos finalmente reformular a extraordinária marca que é a Fundação Calouste Gulbenkian, renovando o seu desenho para o século XXI, adaptando a imagem da instituição ao seu novo posicionamento.

Na Fundação sabemos bem que os beneficiários das nossas atividades são a razão e a medida do nosso sucesso. Esperamos, em 2014, continuar a estar à altura das expectativas de todos. ■

Artur Santos Silva



Fotografia de André Cepeda no livro *Agora e na Hora da Nossa Morte*

Cuidar em fim de vida

*Nos últimos anos, a Fundação Gulbenkian tem apoiado vários projetos ligados aos Cuidados Paliativos, uma área insuficientemente desenvolvida no nosso país mas crucial para ajudar as pessoas a terminar o seu percurso de vida com qualidade e dignidade. Destes projetos destaca-se o estudo coordenado pela investigadora Bárbara Gomes, que revela as preferências da população portuguesa sobre o local de morte, mas também o aclamado livro da jornalista e escritora Susana Moreira Marques, *Agora e na Hora da Nossa Morte* (Tinta-da-China, 2012), que resultou de uma viagem a Trás-os-Montes para acompanhar um projeto-piloto de prestação de cuidados paliativos domiciliários.*

BOA MORTE: 1. Morte tranquila, com o mínimo de dor. 2. Morte em que até ao último momento de vida se conserva a dignidade e a identidade. 3. Morte em que o moribundo tem os familiares junto dele.
(Susana Moreira Marques, Agora e na Hora da Nossa Morte)

Em Portugal, a maior parte das pessoas morre no hospital, mas preferia morrer em casa ou numa unidade de cuidados paliativos. Esta é a principal conclusão do estudo “Preferências e locais de morte em regiões de Portugal em 2010”, coordenado pela investigadora Bárbara Gomes, do King’s College London. O estudo, financiado pela Fundação Gulbenkian no âmbito do projeto DINAMO – Dinamizar formação avançada e investigação para otimizar os cuidados paliativos domiciliários em Portugal –, pretende perceber como é que as preferências dos portugueses se relacionam com a realidade, de forma a integrar este conhecimento no planeamento dos cuidados de saúde. “É preciso ter investigação para sustentar as decisões”, defende Jorge Soares, diretor do Programa Gulbenkian Inovar em Saúde, que define a humanização dos cuidados de saúde como uma das suas áreas estratégicas e os cuidados em fim de vida como um dos seus principais objetivos. “Temos realmente de perceber aquilo que as pessoas querem e uma das maneiras é perceber quais são os locais de preferência de morte”, reforça o diretor.

O projeto DINAMO alinha-se com um projeto de grande escala no King’s College, que envolve não só Portugal como outros países. E à frente do DINAMO está Bárbara Gomes, investigadora doutorada em Cuidados Paliativos também no King’s College. Rumou à capital britânica há dez anos já com um interesse em cuidados paliativos “aguçado”, depois de um ano de estágio em Psicologia e Saúde na unidade de cuidados paliativos do IPO do Porto. “Senti que queria aprender mais, reuni poupanças e fui para Londres”, conta Bárbara, numa entrevista feita por correio eletrónico. Depois de uma passagem pelo Great Ormond Street Hospital, uma instituição de referência mundial dedicada às crianças, concorreu em 2004 ao mestrado de Cuidados Paliativos no King’s College. Foi entretanto selecionada como assistente de investigação pela professora Irene Higginson, sua mentora, e o trabalho que com ela tem desenvolvido – descobrir como ajudar pacientes em fase avançada da doença a morrer onde preferem, com qualidade e dando apoio às famílias – já lhe valeu uma honrosa distinção pela European Association for Palliative Care. Bárbara faz o seu trabalho de investigação no prestigiado Cicely Saunders Institute, a unidade de investigação de cuidados paliativos do King’s College, “baptizada” em homenagem à primeira pessoa que se dedicou aos cuidados na morte. Foi Jorge Soares, responsável da Fundação Gulbenkian, que a convidou para liderar o projeto DINAMO,



Bárbara Gomes

depois de se cruzar com o trabalho que Bárbara já tinha publicado *online* e de ir conhecer os projetos em que estava envolvida no King’s College. “Achei-a uma pessoa cheia de força interior, com fibra, e isso foi fundamental”, diz Jorge Soares.

PALIATIVO: 1. Que serve para paliar. 2. Remédio que não cura, mas mitiga a doença. 3. Recurso para atenuar um mal ou adiar uma crise; adiamento. 4. Disfarce. (Agora e na Hora da Nossa Morte)

Nasceu assim o DINAMO, um programa de investigação focalizado nos cuidados domiciliários, que se estenderá até 2016 e que já produziu um relatório com números que falam por si: 51 por cento dos inquiridos refere que numa situação de doença grave preferia morrer em casa própria ou de familiar ou de amigos, sendo a unidade de cuidados paliativos o segundo local mais preferido (36%), duas opções que agrupadas representam mais de 80 por cento das preferências da população portuguesa. O mesmo estudo indica que o local mais frequentemente apontado como o menos desejado para morrer é o hospital, embora mais de metade dos óbitos em Portugal ocorram em hospitais ou clínicas. Daqui se conclui a existência de um “desfasamento substancial entre a realidade e as preferências para local de morte”. O estudo recomenda assim como “prioridade nacional o desenvolvimento de serviços de cuidados paliativos domiciliários, que previnam o aumento de óbitos hospitalares e que apoiem a morte em casa, com qualidade e respeitando as preferências individuais”. Uma recomendação que é reforçada por Jorge Soares: “Se a preferência

das pessoas é esta, porque é que os sistemas obrigam as pessoas a morrer nos hospitais?”

UM TÓPICO DIFÍCIL

Bárbara Gomes é a primeira a reconhecer que este “é um tópico difícil e que requer sensibilidade”. Para que estas preferências sejam cumpridas com dignidade e qualidade, “têm de ser discutidas e planeadas, envolvendo os doentes, as suas famílias, os profissionais de saúde e as instâncias gestoras e prestadoras de serviços de saúde e de apoio social local”. A investigadora ressalva que “para manter uma pessoa com doença avançada em casa, as famílias precisam de ser apoiadas e os serviços de cuidados paliativos domiciliários precisam de existir”, relembrando que em Portugal existem apenas 9 a 14 equipas no terreno.

E era óbvio – não seria preciso falar muito sobre o assunto – que o maior medo deles não era o medo da morte, isso é medo para jovens. O que receiam é ficar sozinhos, e mais ainda, aterroriza-os a possibilidade de perder o juízo, e com ele as memórias, e com elas a narrativa das suas vidas. Não querem – repete o Sr. João ainda sorrindo – morrer sem saúde. Pode-se ficar numa cama durante anos, com azar numa cama de um lar, ou pior, numa cama de hospital, agarrado a tubos e máquinas. É impressão deles ou antigamente morria-se com mais saúde?

(Agora e na Hora da Nossa Morte)

Para ajudar a colmatar esta insuficiência, a Fundação Gulbenkian tem apoiado, desde 2009, a constituição de unidades domiciliárias de cuidados paliativos um pouco por todo o país: no Nordeste Transmontano, no Alentejo, mas também na Grande Lisboa e no Grande Porto. E os pedidos de apoio continuam a chegar à Fundação. São projetos para três anos, inovadores, porque têm a particularidade de assentar na participação de entidades de proximidade (com as pessoas), sejam autarquias, ONG ou unidades locais de saúde. “Os cuidados de proximidade são muito importantes, porque não estamos a falar de cuidados curativos, mas sim de ajudar as pessoas a terminar o seu percurso de vida com dignidade e com aquilo que se chama ‘qualidade’”, explica Jorge Soares. O objetivo é que estas unidades domiciliárias de cuidados paliativos se constituam através de uma metodologia comum, mas procurando sempre um compromisso das estruturas locais. “Estas unidades devem constituir-se onde existe localmente vontade, porque estes profissionais não se recrutam de qualquer maneira: podem não precisar de grande diferenciação técnica ou formação científica, mas ninguém vai para uma atividade destas, que é muito desgastante, se não tiver vocação. O que a Fundação faz é utilizar a vontade local



para criar bons exemplos, que funcionem bem. Porque há aqui dois componentes: quem faz e quem quer que se faça. Sem isso não resulta”, diz o responsável da Fundação para a área da Saúde.

Foi um destes projetos-piloto de prestação de cuidados paliativos domiciliários que levou a jornalista Susana Moreira Marques ao Planalto Mirandês, no verão de 2011. O tema interessava-lhe e a Fundação procurava alguém que pudesse fazer um registo sobre este projeto, a funcionar longe dos grandes centros urbanos. Mas a jornalista percebeu rapidamente que não queria fazer uma reportagem. Queria aprofundar o tema e escrever um livro. “Sabia desde o início que isto era uma oportunidade para refletir sobre a morte, não só sobre a morte daquelas pessoas, mas sobre a morte em geral”, conta-nos, mais de dois anos depois de ter feito esta viagem em que se fez acompanhar pelo fotógrafo André Cepeda que, não sendo fotojornalista, também podia contribuir com uma visão diferente desta realidade.

“NÃO HÁ NADA DE LITERÁRIO NISTO”

“As pessoas receberam-me muito bem porque estavam muito agradecidas à equipa que prestava os cuidados de saúde, à doutora Jacinta [Fernandes] e aos enfermeiros”,



Susana Moreira Marques © Pedro Cunha

recorda Susana Moreira Marques. “Abriam-me a porta porque eu vinha com aqueles profissionais de saúde que eles adoravam – já não lhes estavam simplesmente agradecidos, adoravam-nos.” Durante várias semanas, a jornalista testemunhou a dureza da rotina desta equipa e a importância do seu trabalho, que permitia aos pacientes de aldeias remotas, como algumas que Susana Moreira Marques visitou em Trás-os-Montes, ficar nas suas casas ou junto de pessoas próximas, em vez de morrer num hospital, a muitos quilómetros de distância, onde as visitas regulares e o apoio dos familiares se torna uma coisa muito complicada, para não dizer “inviável”, em alguns casos.

“A equipa tratava de tudo, e não apenas de dar os medicamentos ou indicações sobre alimentação: tratavam de arranjar camas articuladas ou cadeiras de rodas, e trabalhavam em rede com assistentes sociais, que ajudavam as famílias mais carenciadas”, explica. “Houve até pessoas que me disseram: ‘O meu avô teve uma morte bonita...’ Os cuidados paliativos podem fazer isso.” A jornalista visitou várias casas e foi-se aproximando de algumas famílias. “Para mim, a grande oportunidade que havia aqui implicava voltar aos sítios para que as pessoas me conhecessem melhor, para que confiassem em mim. Há coisas que não se dizem a uma pessoa que se acabou de conhecer e nos põe um gravador à frente.”

Sem qualquer formação em Psicologia, mas acreditando no que estava a fazer, deixou-se orientar pelo bom senso na forma como fazia perguntas, em situações íntimas e de grande fragilidade destas famílias. “A minha preocupação era ter as histórias das pessoas, ter essa proximidade, contar aquelas vidas. As pessoas não existem só na sua morte, e as suas histórias são importantes para se ter o arco da vida daquelas personagens.”

Se eu regressar, bater à porta mais uma vez, e mais uma vez, se eu tiver tempo, tempo sem pressa, disfarçando que nasci na cidade, se eu souber ouvir melhor, cada palavra sentindo-se acarinhada e compreendida, se eu souber o que fazer com as mãos e não tirar notas, será que as pessoas vão abrir e dizer o que realmente pensam nas solitárias e lentas horas da noite? (Agora e na Hora da Nossa Morte)

Susana Moreira Marques diz-nos que não estava preparada para lidar com a degradação física dos doentes. Tão pouco com as suas preocupações, com as feridas dos acamados, os soros, as cadeiras de rodas, o doente que não comeu, as doses de morfina. “Não há nada de literário nisto”, desabafa a escritora. Mas: “De repente, a morte que era uma coisa absolutamente desconhecida e assustadora, torna-se menos avassaladora. A partir do momento em que deixa de ser desconhecida e assustadora, torna-se normal. E quando se torna normal, tem de se ter menos medo, e ao mesmo tempo – o que é um bocado estranho, porque parece um paradoxo – sabemos verdadeiramente que é real, que vai acontecer, e que, portanto, temos de dar importância à vida.” O resultado desta viagem – *Agora e na Hora da Nossa Morte* – é um livro não convencional, editado originalmente com as fotografias de André Cepeda e que já vai na terceira edição de bolso (sem fotografias). “A estrutura do livro, o tom, o género, foi nascendo naturalmente do que fui vendo e pensando, da realidade que encontrei e das coisas que queria contar – e esta foi a forma que apareceu de colocar essas histórias”, explica a escritora sobre a sua obra de estreia literária.

“A única regra que eu vi aqui era que nada disto fosse inventado, não havia ficção, no sentido de ser ficcionado, mas não quer dizer que não possa ser literatura.” Estamos, assim, perante uma obra de “não ficção literária”, muito bem recebida pela crítica, mas também pelas famílias envolvidas e por outras tantas pessoas que já passaram por situações semelhantes. “Escreveram-me, enviaram-me mensagens, pessoas que tinham cuidado do pai ou da mãe, ou de outra pessoa querida, e que portanto tinha sido importante para elas ler o livro, porque existe este lado de partilha – é muitas vezes uma experiência solitária, as pessoas não falam disso, mas acontece a todos.” ■



PARTIS – Fazer parte através da arte

Um grupo coral que integra jovens surdos em Oeiras, uma ópera interpretada por reclusos em prisões da região de Leiria, uma peça de teatro encenada com crianças em situação de insucesso escolar em Loures e Setúbal, estes são alguns exemplos dos 17 projetos vencedores do concurso PARTIS – Práticas Artísticas para Inclusão Social, lançado pelo Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano. Cerca de duas mil pessoas terão a possibilidade de encontrar caminhos alternativos às situações de isolamento ou exclusão social em que se encontram, a partir destas iniciativas.

A primeira edição do PARTIS recolheu, em seis semanas, mais de 200 candidaturas de todo o país destinadas à intervenção social, selecionadas por um júri presidido por Nuno Azevedo e que integrou António Pinto Ribeiro, Luísa Valle, Pedro Calado e Rui Vieira Nery. O apoio da Fundação Gulbenkian, na ordem dos 900 mil euros divididos por três anos, vai viabilizar a execução dos 17 projetos (todos em parceria com outras entidades) e que serão postos em prática pelas instituições promotoras. ■

www.gulbenkian.pt

Projetos, entidades promotoras, parceiros e destinatários

INTEGRAR PELA ARTE – ESTE ESPAÇO QUE HABITO do Movimento de Expressão Fotográfica (em parceria com Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais) 200 Jovens de seis centros educativos entre os 14 e os 20 anos com medidas tutelares de internamento em centros educativos (Guarda, Porto, Coimbra e Lisboa)

SONS À MARGEM da Associação Sombras das Palavras (em parceria com Câmaras Municipais de Seixal e Loures; Unesco; ETIC; ZDB; BUS Paragem Cultural; FNAC; IFICT; Associações: Alkantara, Tibisco, Kamba, ANALP, Cabo-verdiana Seixal, Naturais e Amigos de Lobata, R@to Associação Juvenil)

30 Jovens, dos 16 aos 30 anos, residentes em bairros ou territórios sensíveis de Loures e Seixal

FESTIVAL DE MÚSICA DE SETÚBAL E ENSEMBLE JUVENIL da A7M Associação Festival de Música de Setúbal (em parceria com Câmara Municipal de Setúbal e Helen Hamlyn Trust) 4500 Jovens músicos, entre eles músicos com deficiência

CCA ORQUESTRA GERAÇÃO do Centro Cultural de Amarante (em parceria com Câmara Municipal de Amarante; Fundação EDP; Agrupamento Amadeo Sousa Cardozo; ESPOARTE; Agrupamento Escolas de Amarante; Juntas de freguesia (S Gonçalo, Cepelos) e Ass. Terra dos Homens) 46 Crianças e jovens de Amarante em risco de exclusão social, provenientes de meios socioeconómicos mais desfavorecidos

MALA MÁGICA – ARTES CIRCENSES PARA A CIDADANIA do Chapitô (em parceria com Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais; Quinta Pedagógica dos Olivais e Agrupamento de Escolas de Óbidos) 90 Jovens tutelados pela Justiça nos centros educativos da Bela Vista e Navarro de Paiva, Lisboa

ÓPERA NA PRISÃO: D. GIOVANNI 1003 – LEPORELLO 2015 da Sociedade Artística Musical dos Pousos (em parceria com Estabelecimento Prisional Central Especial de Leiria; Fundação Caixa Agrícola de Leiria; Município de Leiria; Escola de Dança Clara Leão e Associação Barra-no-Chão) 50 Reclusos dos 16 aos 25 anos de dois Estabelecimentos Prisionais de Leiria

IBISCO da Associação Teatro IBISCO (em parceria com Câmara Municipal de Loures; Programa Escolhas; Barclays Bank; Escola Superior de Educação de Lisboa e Agrupamento de Escolas da Apelação) 35 Crianças e pré-adolescentes naturais ou residentes em bairros sensíveis, em situação de insucesso escolar, absentismo ou desmotivação (Loures e Setúbal).

MÃOS QUE CANTAM da Associação Histórias para Pensar (em parceria com Universidade Católica Portuguesa; Fundação D. Manuel II e Mapa de Ideias, Lda) 25 Alunos surdos (Oeiras)

REFÚGIO E TEATRO: DORMEM MIL GESTOS EM MEUS DEDOS do Conselho Português para os Refugiados (parceiros: Associação Casa da Achada – Centro Mário Dionísio; Escola da Noite; Teatromosca; Teatro Municipal Joaquim Benite) 120 Requerentes de asilo e refugiados de diferentes nacionalidades, faixas etárias e culturas.

HÁ FESTA NA ALDEIA da Associação EcoGerminar (parceiros: Terceira pessoa Associação e ETEPA – Escola Profissional Tecnológica Albicastrense) 150 Residentes (maioria idosos) da “comunidade” das antigas freguesias de Juncal do Campo e Freixial do Campo (Castelo Branco)

O MUNDO À NOSSA VOLTA da Associação Filhos de Lumière (parceiros: Comissão Nacional de Proteção de

Crianças e Jovens em Risco; Cinemateca Portuguesa; Cinemateca Francesa; Câmaras Municipais: Moita, Serpa, Lisboa; Fórum Cultural José Manuel Figueiredo; Centro de Experimentação Artística; Escola E.B. Vale da Amoreira; Cineteatro de Serpa; Escola Secundária Passos Manuel; Teatro Praga; DNA) 120 Crianças e jovens em risco (Lisboa, Moita e Serpa)

COMPANHIA LIMITADA da SOU LARGO (parceiros: Centro de Dia da Sé; Casa dos Amigos do Minho; Sport Clube do Intendente; Cantina Comunitária a Casinha; Associação GAT Portugal; Gabinete de Arquitetura Atelier Mob; Associação de Arquitetura Artéria; Câmara Municipal de Lisboa) 64 Pessoas isoladas (maioria idosos ou imigrantes) do Largo do Intendente e Mouraria (Lisboa)

CBR LINHAS ART LAB da Oficina Municipal do Teatro – O Teatrão (em parceria com a comunidade local) 25 Jovens em contextos de exclusão (Coimbra)

URB da OCT Terratrema Oficina (parceiros: Vende-se Filmes; Câmaras Municipais de Cascais, Setúbal, Oeiras, Seixal, Loures e Moita; ISCTE) 50 Pessoas de todas as idades, residentes em zonas urbanas periféricas com problemas sociais graves (Lisboa, Moita e Setúbal)

MARGENS – ENTRE O ARTÍSTICO E O SOCIAL / UM PROJETO DE EMPATIAS da Academia de Produtores Culturais (parceiros: Associação de Albergues Noturnos de Lisboa e Câmara Municipal de Lisboa) 20 Sem-abrigo do Albergue noturno do Poço dos Negros, Lisboa

“DAQUI P’RA CÁ” da Associação InPulsar (parceiros: Escola de Dança Clara Leão; Câmara Municipal de Leiria; Junta de Freguesia de Santa Eufémia; Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria; Segurança Social de Leiria) 10 Crianças de etnia cigana (6-13 anos) e 10 crianças (mesma faixa etária) de uma escola de dança de Leiria

VITÓRIA 283 do Teatro Mala Voadora (parceiros: Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Vitória e a A3S – Associação para o Empreendedorismo Social e a Sustentabilidade do terceiro Setor) 35 Crianças da Freguesia da Vitória, no Porto (6-12 anos), em condições socioeconómicas adversas

Um espetáculo na creche

O projeto artístico e educativo Opus Tutti, desenvolvido desde 2011 com apoio da Fundação Gulbenkian, apresentou em dezembro um pequeno espetáculo no Centro Infantil “O Roseiral”, em Lisboa. A iniciativa PaPI (Peça a Peça Itinerante) pretende levar o teatro, a música e a performance a várias creches e jardins de infância do país, mas também a salas de espetáculo, para ajudar o desenvolvimento sensorial, motor, emocional, de crianças e bebês. “Eles vão-te dando mil impulsos para interagir e improvisar, são diretos, o que é muito bom porque a improvisação é sempre ação e reação”, relata Alena Dittrichová, bailarina envolvida neste projeto em conjunto com o violoncelista Hugo Fernandes. “Isto não é só para as crianças, é também para as educadoras. Queremos criar momentos de harmonia, de paz, porque o trabalho numa creche é muito duro.” Quem o diz é Helena Rodrigues, coordenadora do Opus Tutti, que já tem uma apresentação do PaPI agendada para **dia 11 deste mês**, no Teatro Municipal São Luiz. ■ www.opustutti.com
Fotografias de Márcia Lessa







© Sandra Barros

Os artistas regressam à Escola

Quantas vezes os professores se interrogam sobre como tornar a matéria interessante e relevante para o aluno tendo em conta as suas experiências e interrogações? Como ultrapassar a desmotivação? Como tornar estimulante o ensino de disciplinas como o Português, a Matemática, a Filosofia e a Biologia? Como tornar os alunos ativos no processo de aprendizagem? O projeto Dez X Dez tenta dar respostas a estas perguntas promovendo a colaboração entre professores de várias disciplinas do 10.º ano e artistas de várias áreas.

Depois da primeira edição em 2012, em que 10 artistas se juntaram a 10 professores, o Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência decidiu apostar novamente no projeto Dez X Dez, que tem como objetivo a criação de estratégias e metodologias que facilitem o envolvimento e a participação dos alunos em contexto de sala de aula. A colaboração com artistas foi fundamental no processo, tendo em conta que as práticas artísticas e criativas

podem ser ferramentas pedagógicas úteis e eficazes para estimular a criatividade, o trabalho de equipa, a cooperação e a experimentação. Ferramentas capazes de mudar o paradigma de aprendizagem atual e de desmistificar o papel da escola.

Este mês, o projeto entra na terceira e última fase, que é o culminar de um processo que começou em julho do ano passado, com a residência na Escola Secundária Padre António Vieira dedicada à reflexão e troca de experiências entre os artistas e os professores. Seguiu-se então o trabalho *in loco*, com os artistas a dirigirem-se às escolas secundárias Padre António Vieira, em Lisboa, e Seomara da Costa Primo, na Amadora, juntando-se aos professores e concebendo projetos pedagógicos para aplicar em sala de aula e no contexto da sua disciplina. Ao lado dos alunos, transformaram estes projetos em aulas, que serão apresentadas na Fundação Calouste Gulbenkian nos **dias 25 e 26** deste mês, e posteriormente nas duas escolas envolvidas no projeto. ■



Mário Marcel © Raul Lorca

Sextas da Reforma

Conferência e debate

Este mês, o ciclo de conferências **Sextas da Reforma** apresenta duas iniciativas distintas: um debate sobre a Lei de Enquadramento Orçamental e uma palestra sobre “avaliação e desempenho de entidades públicas”.

O debate está marcado para dia **10 de janeiro, às 16h** e reunirá à mesma mesa quatro antigos secretários de Estado do Orçamento – Norberto Rosa, Manuel Baganha, Emanuel dos Santos e Luís Morais Sarmento. A sessão terá como moderadora a presidente do Conselho das Finanças Públicas, Teodora Cardoso.

No dia **24 de janeiro, às 16h**, será a vez de o economista e académico chileno Mário Marcel falar do desempenho e avaliação no setor público. Mário Marcel é atualmente subdiretor na OCDE – área da governabilidade e desenvolvimento territorial –, tendo desempenhado vários cargos públicos ao longo da sua carreira, nomeadamente enquanto diretor-geral de Orçamentos do Chile (durante a presidência de Ricardo Lagos), e no Banco Interamericano para o

Desenvolvimento, BID. O sucesso do seu trabalho no setor público chileno levou-o a ser distinguido, em 2009, como um dos líderes regionais em gestão para o desenvolvimento. O ciclo Sextas da Reforma, iniciado no ano passado na Fundação Gulbenkian, é uma parceria com o Banco de Portugal e o Conselho das Finanças Públicas, que convida personalidades das áreas económica ou financeira para conferências sobre a reforma, a organização e gestão do setor público. Este conjunto de seminários incide sobre diversos temas, como a organização e a partilha de informação na administração pública, a liderança e a motivação de recursos humanos, a articulação entre o setor público e o setor privado, entre outros.

A entrada para os seminários é livre, mas sujeita a inscrição prévia obrigatória, através do site do Banco de Portugal. ■

www.bportugal.pt



Só para maiores de 55

O Projeto Mais Valia, que desafia profissionais com mais de 55 anos, qualificados e com experiência, para missões de voluntariado de curta duração nos PALOP, já conta com uma bolsa de 50 voluntários. Francisco Coutinho e Amália Fernandes foram dos primeiros a partir e no regresso contam-nos como foi.

Amália Fernandes tem uma licenciatura em Serviço Social, uma pós-graduação em Terapia Familiar e um mestrado na área das Relações Interculturais, habilitações literárias que foi acumulando com uma longa experiência em bairros sociais na área da Grande Lisboa. “Estive no início do Moinho da Juventude [associação cultural nascida nos anos 80], na Cova da Moura. Trabalhávamos na rua, não havia espaço físico de trabalho. E também trabalhei num bairro que já não existe, na zona de Algés, onde viviam muitas pessoas que vinham de países africanos”, conta esta assistente social de 65 anos, hoje reformada. No seu mestrado também trabalhou com crianças e mães cabo-verdianas, desenvolvendo uma relação afetiva com esta comunidade. Por isso, na sua candidatura ao Projeto Mais Valia colocou Cabo Verde naturalmente em primeiro lugar nas suas preferências, e São Tomé em segundo, “porque o percurso dos cabo-verdianos passa muitas vezes por lá”, explica Amália.

Recebeu depois com alguma surpresa a notícia de que a sua missão de voluntariado iria realizar-se em Moçambique, um país cujas pessoas achava não conhecer tão bem, o que acabaria por revelar-se indiferente porque a intenção permanecia. “A minha carta de motivação para me candidatar ao Mais Valia baseava-se no facto de eu não conhecer nenhum PALOP [país africano de língua oficial portuguesa]. Sempre trabalhei com famílias africanas ou de ascendência africana, e gosto de viajar, mas tinha assumido um compromisso comigo mesma de só ir aos PALOP se fosse para participar em algum projeto de voluntariado. Não queria ser turista”, conta Amália.

A experiência de Francisco Coutinho é muito diferente. Engenheiro eletrotécnico de formação, dedicou toda a sua vida “à infraestrutura propriamente dita”, passando depois para a área comercial e mais recentemente para a gestão. Aos 60 anos, continua na vida ativa, mas entendeu que dentro da disponibilidade que tinha, podia abraçar um projeto desta natureza. Conhecia o Norte de África, mas nunca tinha visitado nenhum PALOP. Tinha abertura para ser colocado em qualquer um destes países.

COMO PEIXE NA ÁGUA

Dois perfis muito distintos, mas igualmente válidos perante os objetivos do Projeto Mais Valia. “O voluntariado para África é sobretudo um voluntariado de jovens, em início de carreira que, frequentemente, mais do que contribuem para o desenvolvimento destes países, estão a contribuir para a sua própria formação. Queremos inverter esta lógica”, explica Maria Hermínia Cabral, que dirige o Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento e é responsável pela criação do Projeto Mais Valia. “Percebemos que os países em desenvolvimento que estão a acelerar o seu crescimento precisam às vezes de competências que não estão disponíveis no mercado e que nós temos em Portugal, em pessoas em fase de reforma ou pré-reforma, que estão ainda em idade muito ativa. São pessoas que já viram muita coisa e que têm muita experiência de resolução de problemas. Têm outras ferramentas, porque a vida dá outras ferramentas”, assegura a responsável. De novembro de 2012 a abril de 2013, o Projeto estimava receber cerca de 100 candidaturas. Afinal, foram mais de



Amália Fernandes com um encarregado da *machamba* © Francisco Coutinho

360 candidaturas, sobretudo de engenheiros, professores universitários e outros docentes de ensino não superior, mas também advogados, médicos, e outros profissionais ligados à Educação, à Saúde e às Artes, áreas prioritárias para o Projeto.

“Pensei inicialmente que não me encaixava no perfil desejado, porque a minha especialização é muito virada para a parte técnica, portanto pareceu-me que havia uma grande disparidade entre aquilo que se procurava e aquilo que eu podia oferecer”, diz Francisco. Mesmo assim candidatou-se e o seu instinto não falhou: “Os meus conhecimentos e as minhas competências acabaram por ser bastante úteis, porque estamos a fazer a apreciação das infraestruturas e das condições para a instalação de duas unidades, uma escolar, outra agrícola. Senti-me como peixe na água.”

Amália e Francisco partiram no dia 26 de outubro para Moçambique. A sua missão consistia em fazer a avaliação e o diagnóstico do Cantinho da Solidariedade, criado em 2002 perto da cidade de Lichinga (província do Niassa), a cerca de 2800 quilómetros de Maputo. O projeto foi impulsionado por um elemento da Congregação das Irmãs Doroteias, a Irmã Ferreira, a partir de um pequeno terreno cedido pela Caritas. Neste “cantinho”, onde encontramos hoje três *machambas* que, em conjunto, somam uma área com 50 hectares, formou-se uma comunidade que chegou a ter 170 beneficiários, pessoas que até então passavam

muitas dificuldades e que começaram a trabalhar neste terreno agrícola para a sua própria subsistência.

DOIS PERFIS, DUAS SENSIBILIDADES

“As mulheres foram as primeiras a aderir às *machambas* e surgiu a necessidade de criar uma creche, para pôr as crianças enquanto as mães iam para o campo”, explica Amália, sobre a forma como o projeto foi crescendo. Nasceu assim uma creche, que hoje tem crianças dos dois aos cinco anos e à qual se juntou uma escola primária. “O nível de ensino tornou-se tão elevado, que passou a haver uma procura destes estabelecimentos por pais de crianças que não têm nada a ver com este projeto”, reforça Francisco.

Mas no início de 2013 morre a Irmã Ferreira, alma e coração deste projeto carismático. A partir desse momento a liderança do Cantinho da Solidariedade sofre uma grande instabilidade e a vertente agrícola, que a Irmã Ferreira tinha sempre gerido com grande intuição, torna-se um problema. É premente fazer uma (re)avaliação do projeto e as Irmãs pedem à Fundação Gonçalo da Silveira, uma ONGD (organização não governamental para o desenvolvimento), para intervir. Esse pedido coincide com a formação da bolsa de voluntários do Projeto Mais Valia, à qual recorre a Fundação Gonçalo da Silveira, que tem acompanhado toda a missão destes dois voluntários, em Portugal e à distância.



Foi a oportunidade perfeita para colocar Amália e Francisco em campo, no sentido de fazer um levantamento das necessidades atuais do projeto.

“Acho que podemos ajudar na resposta aos problemas. São quatro olhos, dois pares de ouvidos, duas sensibilidades”, diz Francisco. Amália concorda: “Foi positivo para nós e para os que estão lá, porque é um projeto interessante, que envolve muita gente, muitas crianças, muitas mulheres.” Homens e mulheres que mal sabiam ler e escrever, em pouco mais de dez anos alfabetizaram-se e valorizaram-se. “É fácil envelhecer-se em África. Há mulheres com quarenta e poucos anos, já com netos, que voltaram à escola. É um projeto que não pode deixar de continuar”, afirma Amália, com esperança.

Antes de partir, Francisco e Amália tinham feito uma formação intensiva de três dias juntamente com outros voluntários selecionados pelo Mais Valia. “É uma formação pensada para gente crescida”, considera a experiente Amália. “O grande objetivo era a partilha. A formação serviu para nos conhecermos, para pensarmos na relação com o outro, porque realmente nós vamos lidar com pessoas que são diferentes de nós”, completa. Na formação estão presentes psicólogos, mas também pessoas que já trabalharam nos PALOP. “Foi útil ouvir pessoas que já tinham tido experiências de voluntariado no terreno: saber qual é a entrega que a pessoa deve ter, a simplicidade e a humildade com que devemos encarar todas estas situações”, avalia Francisco.

NÃO DEIXAR PONTAS SOLTAS

Chegados finalmente a Moçambique, deitaram mãos à obra durante três semanas. A missão acabaria por ter uma

duração um pouco mais curta que o previsto (um mês e meio), também por causa da instabilidade que se fazia sentir em Moçambique. Mas não em Lichinga, onde estavam os nossos voluntários. Amália, que estava alojada com as Irmãs Doroteias e que via com elas as notícias na televisão, diz que nunca se sentiu intranquila. “Uma das irmãs era moçambicana, outra era angolana, estão lá há muitos anos e não dramatizavam porque já passaram por situações muito piores. E essa não-dramatização passava para mim”, recorda. Francisco também assegura que as notícias não os condicionaram no seu trabalho, mas reconhece que “possam ter gerado algum desconforto”: “Por estarmos num país onde não sabíamos o que poderia suceder no dia seguinte.”

Por isso aceleraram o passo e tentaram não deixar pontas soltas durante a sua missão. Com uma longa experiência de campo – “desde os meus vinte e poucos anos fiz muitas linhas de alta tensão” –, Francisco não estranhou o que o esperava. “A minha vida de consultor às vezes transporta-me para outras realidades: vou de avião e sou ‘despejado’ em sítios onde conheço pouco ou nada do ambiente que me rodeia.” Teve a mesma sensação quando chegou a Lichinga. “Podia estar em Trás-os-Montes ou em Vila Viçosa, da maneira como caí ali”, recorda. Em três semanas, falaram com todas as pessoas que puderam e recolheram toda a informação necessária para elaborar o seu diagnóstico. Antes de chegarem ao Cantinho da Solidariedade já tinham todo o plano de trabalho delineado. “A nossa experiência de vida e o facto de estarmos já há muitos anos no terreno permite-nos fazer uma leitura mais rápida da realidade. Isso é um elemento facilitador”, afirma Amália, concluindo: “Acho mesmo que há uma mais-valia.” ■



Apoio à comunidade arménia da Síria

Escolas destruídas, famílias desalojadas, casas por reconstruir, milhares de refugiados – esta é a realidade atual de muitas das cidades da Síria, afetadas por uma guerra entre o regime de Damasco e as forças de oposição ao presidente Bashar al-Assad. Uma das cidades mais atingidas pelo conflito é Aleppo (cerca de 300 quilómetros a noroeste da capital, Damasco), onde vivia a maior comunidade arménia do país, perto de 40 mil pessoas.

Em novembro, o Conselho de Administração da Fundação aprovou uma contribuição para ajuda humanitária a essa comunidade, no valor de 120 mil euros, que será gerida por um conjunto de organizações presidido pelo Primaz de Aleppo. Os fundos concedidos através do Serviço das Comunidades Arménias destinam-se à recuperação de Aleppo, mas também serão aplicados noutras comunidades, nomeadamente em Damasco. Durante o ano passado, a Fundação já tinha aprovado cerca de 80 mil euros para ajuda aos refugiados saídos da Síria.

AJUDAS AO ENSINO

Obrigados a fugir à guerra, milhares de estudantes universitários sírios encontram-se hoje sem possibilidade de

continuar os seus estudos. A pensar nesta situação de emergência, o antigo alto-comissário das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações, Jorge Sampaio, criou a Global Partnership for Syrian Students, em conjunto com outras organizações internacionais. A ideia desta parceria é ajudar ao pagamento das propinas destes estudantes e acompanhá-los na sua formação nos países em que se encontram refugiados. A Fundação Gulbenkian vai apoiar esta iniciativa até 2015, concedendo cerca de 200 mil euros em bolsas para os estudantes sírio-arménios.

Ainda no campo dos estudos universitários, cerca de 350 estudantes sírios refugiados na Arménia receberão ajuda do Serviço das Comunidades Arménias para completarem os seus estudos.

As escolas básicas e secundárias na Síria também não passaram incólumes pela guerra. Para que milhares de crianças possam continuar a estudar, a Fundação concedeu cerca de 125 mil euros para apoio a 22 escolas básicas e secundárias no país.

Dados das Nações Unidas revelados em dezembro referem que esta guerra já causou mais de 130 mil mortos, dos quais mais de um terço são civis. ■

www.gulbenkian.pt/ArmenianCommunities



Repensar os valores universais

Conferência de Michel Wieviorka em Paris

O ciclo de conferências *Tout se transforme...*, que a Delegação da Fundação Gulbenkian em França promove desde o final de 2012, com o objetivo de discutir grandes temas contemporâneos, contou, no mês passado, com um convidado especial: o sociólogo Michel Wieviorka, diretor de estudos na École des hautes études en sciences sociales e administrador da Fondation maison des sciences de l'homme.

Convidado a refletir sobre um mundo em profunda mudança, Wieviorka falou de valores universais. Face a uma nova realidade que trouxe consigo novas coordenadas, económicas, políticas e sociais, a questão que colocou foi sobre o modo como devemos (e podemos) reformular estes valores. Wieviorka começou por afirmar que a ideia de que existem valores universais é uma invenção ocidental com três origens históricas distintas: a Grécia Antiga, que propõe uma razão universal; o Império Romano, com a ideia de uma universalidade jurídica, com os conceitos de cidadania e de legalidade; e, por fim, o cristianismo, que promete a salvação para todos, anulando as desigualdades na terra.

Este ideal universal da Razão teve no Século da Luzes o seu apogeu e foi sendo alvo de críticas quer pelos que neleviam uma ameaça a poderes instalados, quer pelos que defendiam o carácter específico e irredutível de cada indivíduo ou cada comunidade. O sociólogo lembrou que o marxismo, sem romper com a visão universalista, se juntou ao coro de críticas ao denunciar o carácter abstrato

destes valores, afastados da realidade social. Desviando o foco desta crítica para os nossos dias, Wieviorka falou dos problemas do atual modelo francês de integração, para concluir que os violentos motins, que tiveram lugar em alguns bairros periféricos em 2005, mais não expressam do que “a incapacidade do Estado em assegurar a correspondência entre a realidade concreta e a abstração da promessa republicana de garantir a todos liberdade, igualdade e fraternidade”. As promessas não cumpridas de um universalismo abstrato acabam, de acordo com o sociólogo, “por reforçar o sentimento de injustiça e, conseqüentemente, levam à revolta daqueles que não acedem aos frutos da modernidade”.

Outra crítica incide na denúncia dos efeitos perversos das derivas. A barbárie nazi ou a estalinista são a prova de uma razão que passou de emancipadora a instrumental, dominadora e alienante, provando que a razão como valor universal é ambivalente, suscetível de conduzir ao progresso ou à catástrofe.

QUEM DETÉM OS VALORES UNIVERSAIS?

Ora se é verdade que as diferentes críticas sempre existiram, cada período histórico traz a sua própria forma de pôr em causa os valores universais. E aqui o sociólogo entra no centro da questão. “Entrámos numa nova era histórica de grande mudança”, afirma. “A descolonização e a globalização

puseram em causa a imagem que o Ocidente tinha de si mesmo e dos seus valores e a sua capacidade de os impor ao mundo inteiro.” Ou seja, e em síntese, o Estado-nação ocidental deixou de ser o portador dos valores universais. “Não estamos mais aí, entrámos numa era de globalização económica e cultural. A China, a Índia, o Brasil, os países emergentes como a Indonésia, acabaram com a hegemonia intelectual, política e económica do Ocidente.”

Ao mesmo tempo, observou Michel Wieviorka, os movimentos migratórios convidam a refletir à escala do planeta e a adotar um ponto de vista cosmopolita, contribuindo para uma inevitável mudança de paradigma. Neste contexto, começou-se a assistir a um fenómeno novo: o primado dos direitos humanos sobre a razão do Estado. Os direitos humanos transformaram-se num valor universal, sem fronteiras, saindo da órbita dos Estados-nação para ser assumido pelas ONG, cada vez mais numerosas e, algumas delas, muito poderosas.

NOVAS POSSIBILIDADES E NOVOS HORIZONTES

Como pensar, então, o conceito de valores universais nos tempos que correm? Na sua comunicação Wieviorka propôs algumas pistas para repensar esta questão. Assim, a Merleau-Ponty, um pensador cujo pensamento mergulhou na Etnologia, vai buscar a ideia dos valores universais não como categorias imperativas impostas arbitrariamente, mas como uma construção nunca acabada, abrindo-se a outras culturas e a outros horizontes.

Nessa perspetiva a questão que Wieviorka coloca é saber se é possível recriar estes valores, mostrando que a sua invenção não é um monopólio do Ocidente grego, romano ou cristão, procurando-os também noutras tradições intelectuais, morais e políticas.

O prémio Nobel Amartya Sen dá um contributo para este caminho ao afirmar que a invenção da democracia não é exclusivamente ocidental, existindo também algumas formas democráticas na Índia ou mesmo em África, assim como existem modelos de justiça que repousam sobre outros princípios que não os nossos. “A ideia de que existem outros valores”, sugere Michel Wieviorka, “encorajamos a alargar o espaço moral e intelectual no interior do qual o universal pode ser pensado, ou melhor globalizado.” Outra achega é dada pelo sociólogo Shmuel Eisenstadt, ao falar na possibilidade de existirem variadas modernidades, diferentes por razões históricas, mas todas abertas a valores universais.

Outra pista sugerida por Wieviorka encara estes valores como estando na base de processos de emancipação pessoal e coletiva. Os valores universais encontram, assim, um princípio de legitimação no apoio que conferem aos direitos e à democracia. Reenviam, na expressão de Hannah Arendt, “ao direito de ter direitos”



Absorvendo o melhor destas quatro pistas, o sociólogo propõe repensar o conceito dos valores universais “não como princípios que asseguram a inclusão de todos num mesmo universo de regras e de normas, mas autorizando a subjetivação individual e a descoberta coletiva de novas possibilidades e de novos horizontes.”

Trata-se de um desafio, lançado no seio das sociedades ditas “ocidentais”, que propõe articular a razão e o direito com o reconhecimento das diferenças coletivas.

Os tempos são, no entanto, turbulentos e difíceis de apreender. Face à crise que assola a Europa, Wieviorka afirma que uma sociedade desesperada, sem esperança no futuro, que desconfia do tempo que aí vem, que considera que os seus filhos viverão pior, não pode ser portadora de valores que se reclamem de universais. “É preciso uma mobilização. Mas uma mobilização contra quê? É urgente uma emancipação. Mas uma emancipação de quê?” Mergulhados numa profunda crise, mais difícil se torna definir os adversários.

O papel das ciências sociais é exatamente o de apontar esses adversários contra os quais nos devemos mobilizar, transformando esta crise num profundo debate.

A próxima conferência deste ciclo realiza-se no **dia 23 de janeiro** com uma intervenção de Evgeny Morozov, especialista em relações internacionais, que se tem dedicado a estudar o impacto da internet na política e que vai falar sobre como escapar às armadilhas de cidade inteligente: a tecnologia, a democracia e o urbanismo. ■

Língua e Cultura Portuguesas

Novos concursos

O Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas abre quatro novos concursos de apoio ao desenvolvimento das artes performativas e da língua e cultura portuguesas, a pensar na internacionalização, inovação e experimentação artística, científica e pedagógica.

CRIAÇÃO NAS ÁREAS DO CINEMA, DANÇA E TEATRO

Até 31 de janeiro

Concurso aberto tanto a criadores portugueses como a criadores estrangeiros residentes em Portugal. Aqui, privilegiam-se os projetos de criadores em início de carreira e aqueles que se distingam pelo seu carácter impulsionador de novas abordagens artísticas no Cinema, na Dança e no Teatro.

INTERNACIONALIZAÇÃO NAS ÁREAS DE DANÇA E TEATRO

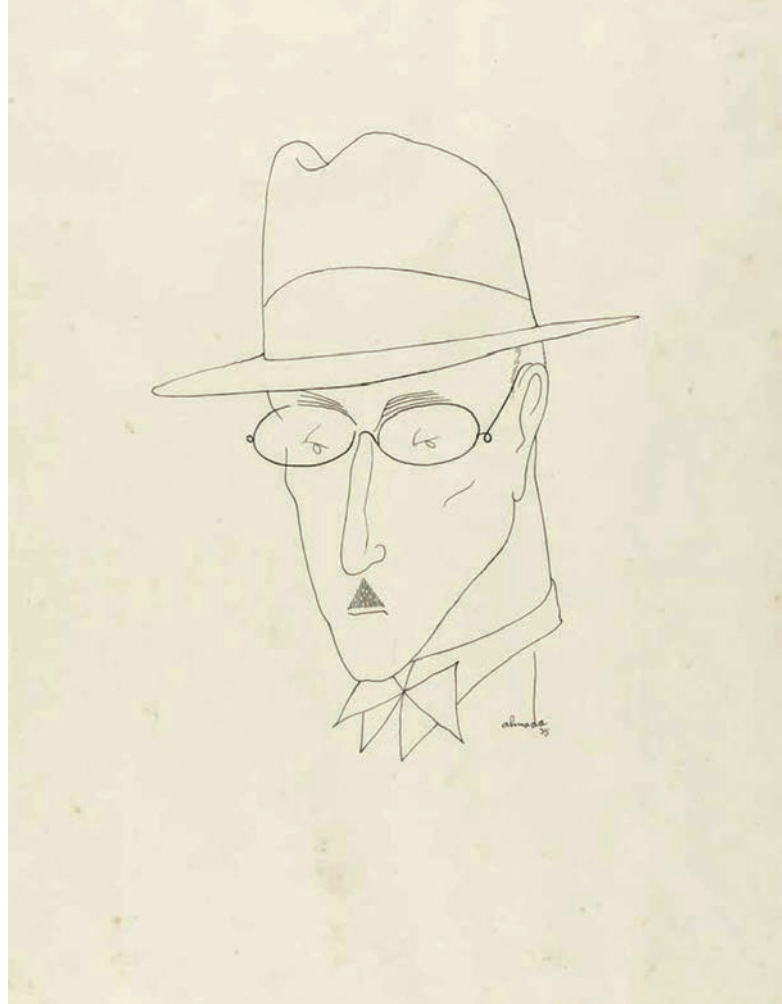
De 1 a 28 de fevereiro

Concurso de apoio a projetos que promovam e divulguem internacionalmente a criação portuguesa, privilegiando as ações de intercâmbio artístico. Isto inclui a apresentação de espetáculos no circuito internacional; residências em estruturas internacionais de acolhimento e a vinda a Portugal de profissionais estrangeiros, desde que integrados num projeto afeto a uma estrutura artística nacional.

INVESTIGAÇÃO NOS DOMÍNIOS DA LÍNGUA E DA CULTURA PORTUGUESAS

De 1 a 31 de março

Através deste concurso, serão concedidos apoios no âmbito da investigação e dos estudos avançados nos domínios da



Retrato de Fernando Pessoa por Almada Negreiros, publicado no Diário de Lisboa (1935)

Língua e da Cultura Portuguesas. Será dada prioridade aos projetos apresentados que incidam nos domínios específicos da Linguística, Filologia, Didática do Português e também nas Humanidades, nomeadamente, História, Estudos Artísticos, Literatura, Filosofia e Estudos Culturais. Este apoio destina-se a instituições públicas ou privadas de ensino superior, centros de investigação ou outras entidades afins, portuguesas ou estrangeiras.

CONGRESSOS NOS DOMÍNIOS DA LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS

De 1 a 30 de abril

Serão selecionadas candidaturas que apresentem propostas para a organização de congressos, colóquios, conferências e seminários que visem o desenvolvimento dos estudos no campo das humanidades e que apresentem abordagens inovadoras sobre temas de manifesta importância para a consolidação, progresso e difusão do conhecimento nos domínios da Língua e da Cultura Portuguesas, bem como à publicação das respetivas atas em formato eletrónico.

Formulários de candidatura, regulamentos e informações disponíveis em www.gulbenkian.pt ■

Tesouros do Kremlin no Museu Calouste Gulbenkian

Um precioso conjunto de peças da sumptuosa coleção do Kremlin de Moscovo pode ser visto, a partir do dia 28 de fevereiro, na Sala de Exposições Temporárias do Museu Gulbenkian, no âmbito da exposição Os Czares e o Oriente. Anteriormente apresentada na Arthur M. Sackler Gallery da Smithsonian Institution, em Washington, é a primeira vez que o acervo oriental desta coleção, constituído pelas luxuosas ofertas aos czares provenientes do Irão safávida e da Turquia otomana dos séculos XVI e XVII, será mostrado na Europa. Preservadas nos Museus do Kremlin de Moscovo durante muitos séculos, estas criações dos mestres orientais representam um precioso testemunho das relações entre a Rússia e os seus vizinhos.

A exposição reúne obras provenientes do Irão, da Turquia e da Rússia, apresentando uma seleção das peças mais requintadas criadas nas oficinas das cortes desses países. Serão



Ícone de Nossa Senhora do Leite. Moscovo, séc. XVI. Revestimento Medalhões e Resplendor, Horda de Ouro ou Rússia, séc. XIV-XV

expostas 66 preciosidades entre joias, tecidos, armas, arreios de cavalo, que foram utilizadas nos atos cerimoniais dos czares russos, na vida da corte, nas campanhas militares e nos ofícios religiosos celebrados nas igrejas do Kremlin. Uma maça [arma] de aparato em ouro com pedras preciosas, oferecida por um comerciante de Istambul ao czar Aleksey Mikhailovitch em 1656, e um cantil oferecido pelo czarevitch de Qasim ao czar Aleksey Mikhailovitch em 1653 (nas fotos), constituem dois exemplos da opulência deste acervo.

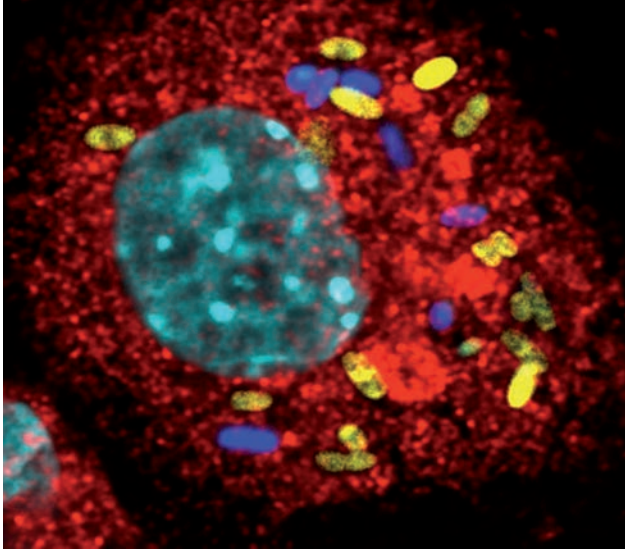
A exposição pode ser vista até 18 de maio na Sala de Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian. ■



Cantil. Turquia, primeira metade do séc. XVII



Maça de aparato (pormenor). Istambul, meados do séc. XVII



Investigação IGC sobre bactérias patogénicas

Num estudo publicado na revista científica *PLOS Pathogens*, uma equipa de investigação do grupo de Biologia Evolutiva do Instituto Gulbenkian de Ciência, liderada por Isabel Gordo, revela que bactérias benignas como a *Escherichia coli* (*E. coli*), que habitam o nosso intestino, podem evoluir rapidamente e tornar-se patogénicas quando encontram células do sistema imune.

Os macrófagos são células do sistema imune que “ingrem” e digerem bactérias. A equipa de Isabel Gordo descobriu que, quando colocava estirpes benignas de *E. coli* na presença de macrófagos, surgiam colónias bacterianas com diferentes morfologias apenas quatro dias após o início da experiência. Algumas das novas variantes de bactérias conseguiam escapar melhor à “ingestão” e morte pelos macrófagos do que as bactérias originais, enquanto outras eram mais resistentes a alguns antibióticos.

A patogénica destas bactérias foi confirmada em ratos de laboratório. A equipa observou que os ratos sobreviviam

menos às infeções causadas por estirpes de *E. coli*, que tinham evoluído na presença de macrófagos, do que às causadas por estirpes que evoluíam na ausência destas células imunes. Estes resultados indicam que a presença de células do sistema imune pode conduzir à rápida evolução de bactérias em direção à patogénica. “Nós usámos a evolução experimental como ferramenta para observar diretamente alguns passos que conduzem a *E. coli* na transição do comensalismo para a patogénica. Foi notável observar como as características de patogénica podem evoluir tão rapidamente. No entanto, são necessários mais estudos para precisar como a *E. coli* se adapta a outras defesas do sistema imune e abrir novos caminhos para o tratamento de infeções bacterianas”, diz Isabel Gordo.

Estas descobertas têm implicações no conhecimento das interações entre microrganismos e hospedeiros, e no tratamento de infeções bacterianas. ■

Investigadora IGC ganha Prémio Pfizer

Na edição de 2013, o Prémio Pfizer de Investigação Clínica distinguiu o trabalho desenvolvido por Sandra Garcês, reumatologista e investigadora do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), na otimização de uma abordagem clínica personalizada no uso de terapêuticas biológicas em doenças inflamatórias crónicas e incapacitantes, como é o caso da artrite reumatoide. A investigação, desenvolvida no grupo de Fisiologia de Linfócitos do IGC, liderado por Jocelyne Demengeot, contou com a colaboração do Hospital Garcia de Orta, do Sanquin Research Institute (de Amesterdão) e da Faculdade de Ciências de Lisboa.

Este trabalho de investigação procura combater a dor e o sofrimento de doentes com doenças inflamatórias cróni-

cas, que reagem de maneira diferente a um mesmo tratamento. O uso de terapêuticas biológicas tem revolucionado o tratamento destas doenças. Ainda assim, muitos doentes não respondem adequadamente a esses fármacos, provavelmente devido à produção pelo próprio organismo de anticorpos antifármaco, os quais promovem a sua rápida eliminação. A equipa elaborou um algoritmo para monitorização dos doentes submetidos a terapias biológicas durante um ano. Este algoritmo permitiu-lhes identificar novos critérios de avaliação da resposta terapêutica – uma probabilidade cerca de dez vezes superior de alcançar uma baixa atividade da doença, quando comparada com a estratégia comum da atual prática clínica.

Para Sandra Garcês, “é uma honra” ser distinguida com um dos mais antigos e prestigiados galardões da investigação biomédica atribuídos no país. A investigadora acredita que este prémio “ajudará a sensibilizar a comunidade médica para a implementação do algoritmo na prática clínica e que esta estratégia permitirá otimizar o uso das terapêuticas biológicas e poupar ao Serviço Nacional de Saúde cerca de 20 milhões de euros por ano”.

Dois outros projetos foram distinguidos com o Prémio Pfizer de Investigação Básica. Um deles, da autoria dos cientistas Luís Ferreira Moita e Nuno Figueiredo, do Instituto de Medicina Molecular, foca-se no tratamento da sépsis. O outro trabalho, liderado por Margarida Amaral, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, visou a descoberta de

novos potenciais alvos terapêuticos para a fibrose quística. Sandra Garcês e Nuno Figueiredo são médicos que integraram o Programa de Formação Médica Avançada, o programa de doutoramento para médicos realizado no Instituto Gulbenkian de Ciência, com o apoio da Fundação Gulbenkian, da Fundação Champalimaud, do Ministério da Saúde e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Os Prémios Pfizer de Investigação resultam de uma parceria entre os Laboratórios Pfizer e a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, com o objetivo de contribuir para a dinamização da investigação em ciências da Saúde em Portugal, atribuindo um prémio monetário anual para cada categoria (investigação clínica e básica) no valor de 20 mil euros. ■



Raquel Oliveira

Raquel Oliveira, investigadora do IGC, recebeu o Prémio de Instalação da EMBO (European Molecular Biology Organization) em Portugal – no valor de 50 mil euros anuais, por um período máximo de cinco anos – e a consequente entrada na prestigiada rede dos melhores jovens investigadores europeus. Este prémio irá permitir a Raquel Oliveira continuar os seus estudos sobre a influência que a morfologia dos cromossomas tem na divisão celular e compreender os novos caminhos que levam a causas da aneuploidia (número anormal de cromossomas). Estas anomalias estão frequentemente na base de vários problemas de saúde pública como o cancro, doenças genéticas e infertilidade. Raquel Oliveira recebeu este prémio um ano depois de chegar ao IGC e diz que ele terá um grande impacto no desen-

volvimento do seu grupo, acrescentando: “O financiamento traz alguma estabilidade, algo muito importante numa altura de crise económica em que o financiamento em ciência é parco e irregular. Igualmente importantes são o reconhecimento e as oportunidades de *networking* que este prémio oferece, permitindo uma constante interação com excelentes investigadores por toda a Europa.”

Este ano, foram atribuídos seis *EMBO installation grants* em quatro países europeus: Portugal, Polónia, República Checa e Turquia. Edgar Gomes, investigador do Instituto de Medicina Molecular, foi o outro investigador premiado em Portugal.

Esta é a quarta vez que a EMBO atribui um prémio de instalação a investigadores do IGC. ■



Programa Cidadania Ativa reforçado

O Programa Cidadania Ativa, gerido pela Fundação Gulbenkian, vai receber um reforço de 2,9 milhões de euros.

O Programa Cidadania Ativa destina-se ao fortalecimento e reforço da sociedade civil portuguesa, enquanto instrumento de apoio às Organizações Não Governamentais. A decisão surgiu na sequência das negociações

entre os Países Financiadores do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu e o Governo português, onde ficou decidida a atribuição da totalidade da reserva dos EEA Grants 2009-14 ao Programa.

A verba proveniente do novo reforço será destinada às áreas do emprego jovem e da inclusão social e profissional de jovens, para financiamento de projetos a submeter por ONG.

Os concursos que permitirão mobilizar estes novos recursos financeiros serão abertos durante o primeiro trimestre deste ano, juntamente com os relativos à participação das ONG nas políticas públicas, na promoção dos direitos humanos e valores democráticos e na capacitação das ONG.

O montante total de apoios em concurso atingirá cerca de 4,1 milhões de euros, sendo que a data limite para a sua utilização é 30 de abril de 2016.

Informações complementares sobre este reforço serão anunciadas em breve. ■ www.cidadaniaativa.gulbenkian.pt

Um novo pacto para a Europa

Fomentar um debate público mais alargado sobre o futuro da União Europeia, tanto a nível nacional como no espaço Europeu, envolvendo decisores políticos e cidadãos, é um dos objetivos do projeto New Pact for Europe. Promovido pela King Baudoin Foundation, gerido pelo Network of European Foundations (NEF) e apoiado por um consórcio de fundações, entre as quais se inclui a Fundação Gulbenkian, o projeto quer contribuir para a criação de ideias sobre como superar os desafios que a Europa enfrenta. Do lado português a iniciativa é coordenada por Maria João Rodrigues, e tem como relator Pedro Magalhães. Para além da Fundação Gulbenkian, o projeto é apoiado pelas fundações alemãs Bertelsmann Stiftung, Stiftung Mercator e Allianz Kulturstiftung, pelas espanholas Fundação La Caixa e Open Society Initiative for Europe, pela European Cultural Foundation (Holanda), pelas instituições belgas European Policy Centre e European Network Foundations e ainda pela Swedish Cultural Foundation da Finlândia.

A promoção do debate europeu passa pela resposta a três questões: “O que está em causa se a «Europa» não conseguir resolver os vários desafios que está a viver?”; “Que tipo de colaboração é necessária a um nível Europeu para responder a esta crise?”; “De que forma podem as respostas a estas duas questões traduzir-se em iniciativas que tornem a UE mais eficaz e assegurar um alargado apoio público?”

A Fundação Gulbenkian integra o Comité de Acompanhamento do projeto e acolhe alguns dos debates e reuniões que se vão realizar durante este ano. A primeira reunião teve lugar em dezembro e envolveu vários decisores e protagonistas políticos em matérias europeias, entre eles António Vitorino, Vítor Martins, António Costa, vários eurodeputados e deputados portugueses, bem como Artur Santos Silva e Isabel Mota, respetivamente presidente e administradora da Fundação Gulbenkian.

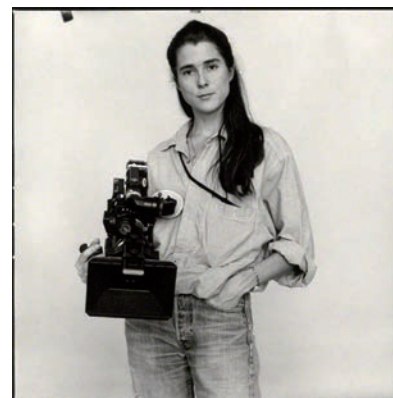
A próxima ação do New Pact for Europe acontecerá em fevereiro com uma consulta a cidadãos nacionais sobre as questões enunciadas. ■

Novidades editoriais 2014

O Plano de Edições da Fundação apresenta este ano várias novidades editoriais, entre elas a publicação de cinco inéditos da escritora Agustina Bessa Luís. O livro intitula-se *Elogio do Inacabado* e é uma das novidades do ano, que promete ainda livros de Sebastião da Gama e de Rómulo de Carvalho. Do poeta da Arrábida serão editadas *Cartas de Sebastião da Gama para os Amigos*, enquanto de Rómulo de Carvalho (conhecido pelo pseudónimo poético de António Gedeão) será editado *Panorama Geral das Actividades Científica e Técnica em Portugal no século XVIII apreciado através da sua bibliografia*.

Prosseguindo a publicação da obra de outro grande nome do século XX português – o geógrafo Orlando Ribeiro –, a Fundação editará *Universidade, Ciência, Cidadania*, uma coletânea de textos sobre estes temas organizada por Suzanne Daveau.

O ano traz ainda a edição do mais recente texto do sociólogo britânico Anthony Giddens *Turbulent and Mighty Continent*, onde Giddens expõe a sua visão sobre a atual situação europeia. Organizado por Thomas Earl, o livro *Escritores Portugueses e Leitores Ingleses* apresenta textos de autores portugueses impressos antes de 1640 (escritos nos séculos XV a XVII), encontrados nas bibliotecas das Universidades de Cambridge e de Oxford e dirigidos a ingleses, essencialmente escritos em latim. Os textos são agora editados em português. ■



UK Branch celebra as artes

A delegação em Londres da Fundação Calouste Gulbenkian, UK Branch, celebra no dia 14 a conclusão do seu Programa de Artes Visuais (2009-2012), que reafirma os apoios concedidos no campo das artes performativas. Neste dia será inaugurada a instalação *YOU LOOKING AT ME* de The Quick and the Dead, que faz a ponte entre as artes visuais e performativas. Esta peça enquadra o trabalho de um trio invulgar de mulheres: a arte gráfica de Paula Rego, o olhar da cineasta Molly Dineen (na fotografia) e o teatro de Alison Hodge.

Nesta mesma data, o UK Branch faz o lançamento da versão inglesa de *Pontos de Cultura: o Brasil de baixo para cima*, de Célio Turino, traduzido e editado por Paul Heritage e Rosie Hunter. Esta publicação, que descreve um ponto de viragem nas políticas culturais no Brasil, foi inspiradora para a abordagem que a delegação londrina da Fundação tem tido no seu apoio às artes, uma vez que se baseia na compreensão da cultura como um meio para a mudança social e para a inclusão. ■



Bolseira Gulbenkian ganha prémio de direitos humanos

O Prémio Nacional de Direitos Humanos (categoria estudo científico), atribuído pela Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania de Cabo Verde, foi entregue a uma bolseira da Fundação Gulbenkian. Irene Santos da Cruz ganhou este prémio com o trabalho *Filosofias da Imigração – Cosmopolitismo versus comunitarismo*, a sua tese de mestrado enquanto bolseira na Universidade do Minho. A Comissão distinguiu este estudo científico como “uma valiosa contribuição para a promoção dos Direitos Humanos e da Cidadania em Cabo Verde”. Irene Santos Cruz é atualmente bolseira Gulbenkian de doutoramento em Filosofia Social e Política, no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho. ■



Mónica Baptista | 29 anos | Artes Visuais*

Construir o olhar através da ruralidade

É ORIGINÁRIA DE SÃO PAIO DE OLEIROS, NO CONCELHO DE SANTA MARIA DA FEIRA. A VIDA FORA DE UMA GRANDE CIDADE TEM ALGUMA INFLUÊNCIA NA SUA CRIAÇÃO ARTÍSTICA?

Tem, definitivamente. Cresci com as histórias do meio rural, eram histórias maravilhosas e foi com elas que desenvolvi o meu imaginário enquanto criança... São Paio de Oleiros acabou por ser um sítio interessante para crescer. Era uma aldeia quando eu nasci, mas uma aldeia industrial, com uma forte indústria corticeira e papelreira. Esta indústria transformou agricultores em operários, como aconteceu com boa parte da minha família. Se, por um lado, cresci numa cultura rural muito rica, por outro lado, as fábricas, apesar de estarem a lapidar essa cultura, eram também atrações gigantes – havia o som e toda aquela escala que me fugia das mãos. Com o tempo deixou de ter piada e com 15 anos saí de casa e mudei-me para o Porto. Até aos 22 anos não tinha praticamente saído do país, mas conhecia extremamente bem algumas profundezas de Portugal. Procurei sempre a ruralidade e esta procura não é apenas visível no meu trabalho, é basilar, e creio ter construído um olhar através deste mútuo encontro.

APESAR DE TER ESTUDADO PINTURA, A SUA OBRA É FORMADA PRINCIPALMENTE POR FILMES. O QUE A LEVOU A TROCAR UMA ARTE PELA OUTRA?

Lembro-me de que, no 3.º ano da faculdade, o então meu professor Eduardo Batarada me perguntou se não me teria enganado no curso. Isto aconteceu quando lhe falei do meu projeto (para a disciplina de pintura) em que pretendia explorar exclusivamente o vídeo e a fotografia. Para mim, já na altura, havia um percurso a fazer que não passava por trocar uma coisa pela outra, um som pode dar origem a uma imagem, uma pintura a um movimento. Sempre vi estas relações de forma orgânica e, portanto, fiz uma boa continuação da pintura para os filmes.

DE SÃO PAIO DE OLEIROS ATÉ NOVA IORQUE VAI UMA GRANDE DISTÂNCIA, NÃO SÓ EM QUILOMETROS, MAS TAMBÉM EM ESTILO DE VIDA. O QUE É QUE RETIRA DESTA SUA ESTADIA?

Acho que a certa altura também encontrei as minhas aldeias em Nova Iorque, planos que se cruzam e se repetem organizando uma familiaridade. Neste momento, penso que Oleiros seria bem mais complicado para mim do que a



“Big Apple”. De resto, entre um e outro, há um sem-número de sítios por onde passei, onde estive e que me permitiram aproximar o conforto da estranheza. Da estadia em Nova Iorque ficam as memórias e o trabalho que lá realizei, com algumas relações profissionais e de amizade que ainda hoje mantenho.

OLHANDO PARA O CONJUNTO DA SUA OBRA, PERCEBEMOS QUE JÁ VIAJOU MUITO PELO MUNDO. HOUVE ALGUM SÍTIO QUE A TENHA MARCADO ESPECIALMENTE? ALGUM QUE DESEJE VISITAR NO FUTURO?

É verdade que já viajei por grandes cidades: Tóquio, Atenas, Cidade do México, Nova Iorque, Istambul, mas sempre num regime pendular com os meios rurais. Já vivi no Barroso (Trás-os-Montes) durante quase um ano e, mais recentemente, no Sotavento Algarvio. Viver em Pitões (Trás-os-Montes) foi talvez a experiência mais radical e a mais interessante, aprendi muito com aquela forma de vida e com a paisagem. Por outro lado, a viagem de Transiberiano em 2008 (de Moscovo a Vladivostok) foi a mais exuberante e procurar recapitular e entender o que se passou durante aqueles 30 dias poderia tornar-se numa busca eterna. O meu trabalho colhe muito destas viagens e das raízes que vou criando nos vários sítios. É claro que quando olha-

mos para o sol há uma certa busca de universalidade, mas os pés estão sempre assentes em algum lado e hão-de colher sempre a sua influência.

Sítios que gostaria de conhecer? Uns quantos, mas não me interessa nomeá-los, a seu tempo virão. As viagens têm que encontrar o seu sentido e, de momento, aprecio o poder estar em Portugal e desenvolver o meu trabalho cá.

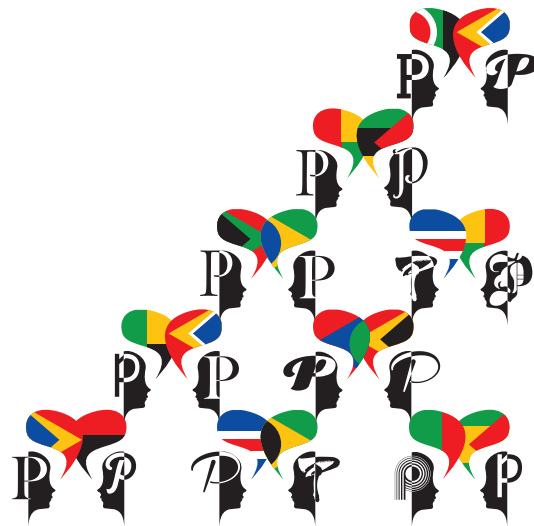
COMO MUDOU A SUA VIDA DESDE A SUA RESIDÊNCIA NA LOCATION ONE?

A Location One tinha, de facto, uma localização interessante, Nova Iorque, que permitiu, por exemplo ir ao MoMA, ver ao vivo as pinturas com que cresci, em representações minúsculas nos livros da Taschen. Isso muda muito uma pessoa. Nova Iorque é uma cidade bastante atraente e foi uma vida intensa a que consegui lá. Colecionei uma série de histórias incríveis, pude colaborar e apresentar trabalho em sítios e com pessoas que admiro bastante. Várias coisas me foram facilitadas durante essa estadia, pude fazer e mostrar a uma velocidade a que não estava de todo acostumada. O trabalho ganhou outros rumos. Creio que, quando os sítios nos provocam outro entendimento do nosso trabalho e novos campos de ação, o ganho é tremendo. ■

**Residência Artística – Bolsa Location One, Nova Iorque*

Criar em Português

O que pode uma língua?



*Nos dias 27 e 28, o Auditório 2 da Fundação recebe o colóquio **Criar em Português – o que pode uma língua?**, uma iniciativa do Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas. Acreditando que a língua portuguesa é “a seiva da criação cultural”, este encontro vai reunir pessoas de muitas formações e áreas artísticas diferentes, de sensibilidades e continentes diversos. A discussão, que se pretende coloquial, passará pela criação na literatura, mas também no teatro, no cinema, na música e nas artes visuais. Paulo Filipe Monteiro, professor universitário, ator, encenador e argumentista, é também o comissário do colóquio. Nesta entrevista, realizada por escrito, **Paulo Filipe Monteiro** fala nos pontos de partida para a realização de um colóquio como este.*

QUAL É O OBJETIVO PRINCIPAL DESTES COLÓQUIOS?

Tem havido tantos encontros, colóquios, simpósios, sobre a língua portuguesa, com ministros dos vários países onde o português é falado, ou com estudiosos, mas em contextos vagamente celebratórios, ou então em discussões sobre o acordo ortográfico... Tudo isso é necessário, mas já tem sido feito; por isso quisemos imaginar um encontro diferente, em que cada participante saísse a saber mais sobre a dimensão cultural da língua portuguesa. Em que os criadores e os académicos, e o público com eles, fossem levados a refletir para além das frases feitas sobre as realidades e potencialidades do português como língua de criação artística.

HÁ UM CRUZAMENTO DE FORMAÇÕES, DE NACIONALIDADES, E ATÉ DE GERAÇÕES, NO CONJUNTO DE ORADORES QUE VÃO PARTICIPAR NESTES DOIS DIAS. PARA SI, ESTA DIVERSIDADE É ESSENCIAL PARA A DISCUSSÃO DE O QUE SIGNIFICA CRIAR EM PORTUGUÊS?

Para nós era essencial discutir a questão, ou questões, a partir de uma grande diversidade de pontos de vista. Um

veterano escritor de Cabo Verde tem uma experiência diferente de uma jovem romancista brasileira, ou de uma poeta romena que escreve em português, ou de um norte-americano que traduz Pessoa. Ou de um humorista, ou de um escritor de canções. Teremos um painel sobre criação literária, mas também outro que junta compositores clássicos (que musicaram as palavras de Raul Brandão, Pessanha ou Pessoa) com o Pedro dos Deolinda ou o rapper Boss AC! Também falará gente do teatro, da dança (que cada vez mais usa a palavra) e do cinema. No fim, espaço para o saber especializado dos linguistas e para a experiência dos programadores, porque é preciso criar condições para criar e para que as criações circulem.

ESTE COLÓQUIO TEM UMA ESTRUTURA UM POUCO DIFERENTE DO HABITUAL. QUER EXPLICAR O QUE SE PRETENDE EM CADA PAINEL?

O formato também é um pouco fora do vulgar, sim. Sofás, em vez de mesas. Falam três oradores e a seguir os outros três do mesmo painel fazem-lhes perguntas. Depois tro-

cam. Mais do que um colóquio será um encontro, em que a coloquialidade é bem-vinda. E haverá ainda depoimentos gravados de artistas que sabem bem o que pode a nossa língua, como o Sérgio Godinho, ou até de outros que preferem usar o inglês...

NA ERA DIGITAL E GLOBAL, EM QUE O INGLÊS SE TORNOU LÍNGUA DE MASSAS, COMO PODE AFIRMAR-SE A LÍNGUA PORTUGUESA NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA?

O inglês destronou o francês como língua internacional, sim. E então? Para todos os que amam o francês, ou o português, essa continuará a ser a sua pátria. O amor é uma dimensão diferente da celebridade ou da conveniência. O Fernando Pessoa começou a escrever, e bem, em inglês, mas depois optou pelo português. Não é por isso um poeta menor: na tríade do Harold Bloom, até figura com o Neruda e o Borges, sem nenhum inglês. Isto não significa, evidentemente, que, no contexto hostil da globalização, o Estado não tenha a estrita obrigação de desenvolver uma política muito ativa e continuada de promoção da língua portuguesa, nomeadamente ensinando-a em escolas e universidades de outros países e apoiando a edição. E que não ache ridícula a quotidiana utilização de palavras inglesas sem nenhuma necessidade.

DISCUTIR A CRIAÇÃO ARTÍSTICA COM VÁRIOS “SOTAQUES” DE PORTUGUÊS É UMA FORMA DE APROXIMAÇÃO, DE CRIAÇÃO DE UMA COMUNIDADE?

Pessoalmente tenho muitas reservas em relação ao conceito de comunidade. Nós vivemos é em sociedade, embora

sempre com essa referência a uma imaginada comunidade que teria existido ou poderia vir a existir. Há umas décadas começou a falar-se de uma comunidade da língua portuguesa, de uma espécie de diáspora quase como a judaica: foi um discurso impulsionado sobretudo pela Igreja e pelo Estado português, o qual precisava desesperadamente das remessas dos emigrantes. E era uma grande mentira sobreposta à realidade desses que vivem já noutros contextos e noutras linguagens. Como qualquer forma de dominação (nomeadamente ortográfica), deve ser rejeitada. Nas discussões mais recentes sobre a uniformização da ortografia também se misturam, muitas vezes explicitamente, os interesses económicos: é a sociedade a funcionar sob a fachada da comunidade. Mas o referencial da comunidade enquanto fator de aproximação entre culturas distintas, livres e respeitadoras das suas diferenças, mais, interessadas na riqueza dessas diferenças, pode ser positivo. Essa comunidade que não existe, mas nos leva a ler Mia Couto ou Raduan Nassar. E a levá-los à cena ou à tela do cinema.

CONSIDERA QUE O PORTUGUÊS É UMA LÍNGUA FÁCIL PARA CRIAR?

Não conheço nenhuma língua fácil. Mas todas as crianças aprendem a sua, ou até mais do que uma. O Pessoa disse que por vezes não sabia de onde lhe vinham as frases, quem lhas ditava: aí a criação é mais fácil, e todos nós criadores damos graças quando existem esses momentos em que tudo parece brotar naturalmente. Mas também conhecemos a luta, por vezes desesperada, com a matéria da criação. Esta dualidade existe em qualquer língua. ■

27 DE JANEIRO

9h15 Sessão de Abertura

9h30 Música

14h30 Criação Literária

Rui Vieira Nery
(moderador)

José Manuel Wisnik

Luís Tinoco

Alexandre Delgado
intervalo

Tiago Torres da Silva

Ângelo César (Boss AC)

Pedro da Silva Martins

António M. Feijó
(moderador)

Germano Almeida

Golgona Anghel

Nuno Artur Silva
intervalo

Mário de Carvalho

Tatiana Salem Lévy

Richard Zenith

21h Espetáculo com José Manuel Wisnik e Arthur Nestrovski

28 DE JANEIRO

9h30 Teatro, Cinema, Dança

14h30 Saber, Programar

Paulo Filipe Monteiro
(moderador)

Fernanda Lapa

João Garcia Miguel

Vera San Payo Lemos
intervalo

Maria José Fazenda

João Mário Grilo

Ruben Alves

António Pinto Ribeiro
(moderador)

José Paulo Esperança

Ivo Castro

Clara Nunes Correia
João Costa

intervalo

Armando Valente

José Luís Ferreira
Carlos Martins

Harvard na Gulbenkian a dobrar

Manuela Viegas, Gloria

“Uma nova e abrangente perspectiva sobre a vitalidade e originalidade do cinema português através de uma série de conversas entre realizadores portugueses e realizadores da América Latina, Europa, América do Norte e Ásia que partilham as mesmas preocupações estéticas e conceptuais sobre o estado do cinema contemporâneo.” É assim que, na nota dos curadores deste ciclo, Joaquim Sapinho e Haden Guest descrevem Harvard Na Gulbenkian – ciclo que este mês ocupa, durante dois fins-de-semana, a Sala Polivalente do CAM.

Em janeiro, através do Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas, a Fundação continua a celebrar o reconhecimento internacional do cinema português: primeiro com o programa Memory Believes before Knowing Remembers, com os cineastas Susana de Sousa Dias, Patricio Guzmán e Soon-Mi Yoo; e depois, no final do mês, com Desejo sem Linguagem, que irá contar com as presenças de Manuela Viegas e Lucrecia Martel.

MEMORY BELIEVES BEFORE KNOWING REMEMBERS

Patrício Guzmán, Soon-Mi Yoo e Susana de Sousa Dias são os convidados desta sessão do *Harvard na Gulbenkian – Diálogos sobre o Cinema Português e o Cinema do Mundo*, a terceira desde o início deste ciclo em novembro do ano passado. No fim-de-semana de **10 a 12 de janeiro**, o programa mostra como o cinema pode funcionar ao serviço da nossa memória coletiva, com uma presença forte de cinema documental de carácter político.

O chileno Patrício Guzmán mostra como filmar pode ser uma arma contra o esquecimento, com *La Batalla de Chile* e *Chile, La Memoria Obstínada*. No primeiro, expõe as imagens que captou durante o golpe de Estado que derrubou Salvador Allende e, no segundo, confronta novas gerações com essas mesmas imagens, duas décadas depois.

Soon-Mi Yoo, natural da Coreia do Sul, mas residente nos EUA, onde é professora no Wellesley College (Massachusetts College of Art), vem apresentar alguns dos seus trabalhos, nos quais procura traçar as ligações secretas entre a memória coletiva e a experiência pessoal, assim revelando histórias marginalizadas e alternativas. *Ssitkim: Talking to the Dead*, *Dangerous Supplement* e *Ishan* são os filmes que vão estar em exibição na Sala Polivalente do CAM.

A abrir o fim de semana, será exibido *48*, de Susana de Sousa Dias. O documentário vencedor de um Grande Prémio do Cinéma du réel, em França, usa como matéria-prima as imagens que serviram de veículo de propaganda durante o Estado Novo, e procede a uma desconstrução que lhe permite descobrir nelas indícios da realidade que tentam ocultar. Este filme será o ponto de partida para mais uma sessão do Harvard na Gulbenkian, um ciclo que também é realizado com o apoio da Cinemateca Portuguesa.



Lucrecia Martel, *La Niña Santa*



Lucrecia Martel, *La Niña Santa*



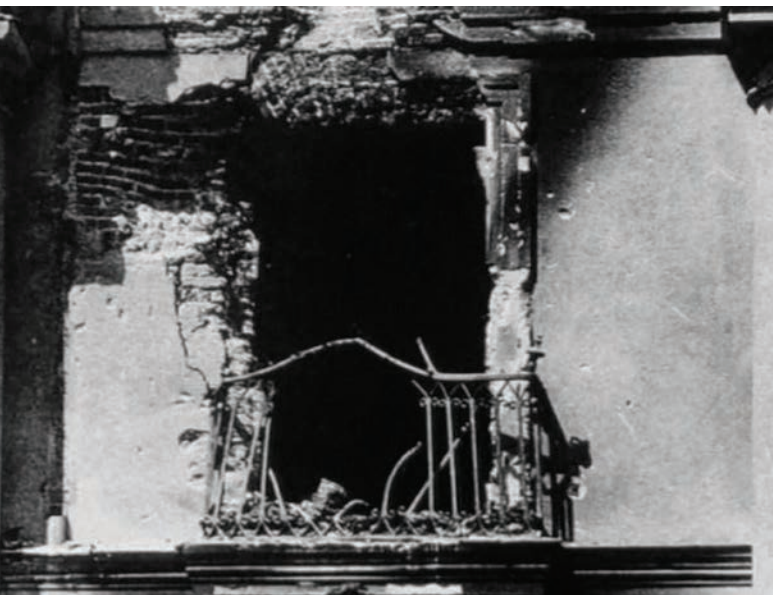
Manuela Viegas, *Gloria*

Desejo Sem Linguagem

Quase a chegar a fevereiro, nos **dias 24, 25 e 26 deste mês**, será a vez de Manuela Viegas e Lucrecia Martel se apresentarem no ciclo.

Glória, que esteve integrado no ciclo The School of Reis, organizado pelo Harvard Film Archive em 2012, marca o arranque desta sessão na sexta-feira, às 18h15, na Sala Polivalente do CAM. *Glória* foi o primeiro filme português selecionado para a Competição Oficial do Festival Internacional de Cinema de Berlim e é o único registo com realização assinada por Manuela Viegas, cuja presença no panorama do cinema português se tornou indiscutível através das colaborações (na montagem) com João César Monteiro, Pedro Costa, João Botelho e Teresa Villaverde, entre outros.

Já a argentina Lucrecia Martel é detentora de uma obra mais vasta enquanto realizadora. As suas três longas-metragens existentes até à data colocaram-na no mapa do



Patricio Guzmán, *Chile, La Memoria Obstinate*



Patricio Guzmán, *Chile, La Memoria Obstinate*

cinema mundial. *La Mujer Sin Cabeza* e *La Niña Santa*, os dois filmes que vão estar em exibição nos Diálogos sobre o Cinema Português e o Cinema do Mundo, são prova disso, uma vez que ambos foram nomeados para a Palma d'Ouro. Para além dos seus próprios trabalhos, Lucrecia Martel e Manuela Viegas irão ainda escolher um filme surpresa a exibir na Fundação Calouste Gulbenkian no sábado e no domingo, respetivamente.

Em fevereiro, **Harvard na Gulbenkian – Diálogos Sobre o Cinema Português e o Cinema do Mundo** convida os cineastas Manuel Mozos, Martin Rejtman e Denis Côté. ■



Patricio Guzmán, *La Batalla de Chile*

MEMORY BELIEVES BEFORE KNOWING REMEMBERS

Convidados Susana de Sousa Dias,
Patricio Guzmán, Soon-Mi Yoo

Sexta-feira | 10 janeiro

18h15 48 (93'), de Susana de Sousa Dias

Sábado | 11 janeiro

15h *Ssitkim: Talking to the Dead* (20'), *Dangerous Supplement* (14'), *Ishan* (20'), de Soon-Mi Yoo

18h45 *La Batalla de Chile: La Lucha de un Pueblo Sin Armas (segunda parte: El Golpe de Estado)* (88'), de Patricio Guzmán

Domingo | 12 janeiro

15h *Chile, La Memoria Obstinate* (59'), de Patricio Guzmán

17h30 *Nostalgia de la Luz* (90'), de Patricio Guzmán

DESEJO SEM LINGUAGEM

Convidados Manuela Viegas, Lucrecia Martel

Sexta-feira | 24 janeiro

18h15 *Glória* (100'), Manuela Viegas

Sábado | 25 janeiro

15h *La Mujer Sin Cabeza* (87'), de Lucrecia Martel

18h Filme Surpresa escolhido por Lucrecia Martel

Domingo | 26 janeiro

15h *La Niña Santa* (106'), de Lucrecia Martel

18h15 Filme Surpresa escolhido por Manuela Viegas



Últimos dias

Sob o Signo de Amadeo Um Século de Arte

Até dia 19, a exposição comemorativa dos 30 anos do CAM mostra obras emblemáticas da mais significativa coleção de arte portuguesa do século XX. Esta é uma oportunidade única para ver reunido numa mesma sala praticamente todo o acervo de Amadeo de Sousa-Cardozo desta coleção. Ao todo, estão expostas 172 de um total de 198 obras de pintura e desenho deste grande pioneiro do modernismo em Portugal.

O programa comemorativo do 30.º aniversário do Centro de Arte Moderna envolveu ainda um ciclo de performance, com ações encomendadas a vários artistas nacionais, bem como um ciclo internacional de colóquios sobre o modernismo, com especial ênfase na figura de Amadeo.

O CAM E A CULTURA PORTUGUESA DOS ANOS 80

Na véspera do encerramento da exposição, no dia 18, realiza-se uma reflexão alargada sobre o CAM e a Cultura Portuguesa dos anos 80. Coordenada por Nuno Grande, a iniciativa tem lugar no âmbito do Festival Temps d'images, que se associa à efeméride.

Vários intervenientes vão recordar esta década, caracterizada por uma modernização tardia e por uma aculturação pós-moderna, típica do Portugal pós-revolucionário. Será também lembrada a ação de Madalena de Azeredo Perdigão, os Encontros ACARTE, grandes acontecimentos no CAM como a *Exposição-Diálogo sobre a Arte Contemporânea na Europa*, as apresentações do Living Theatre na Fundação, e toda a imensa experimentação feita no CAM e nos jardins da Fundação.

O encontro tem início às 10h, com um debate em redor do tema *Ser pós-moderno: entre o Frágil e o ACARTE*, com testemunhos dos arquitetos Manuel Graça Dias e Jorge Figueira, do galerista Luís Serpa e da investigadora Ana Bigotte Vieira. Isabel Carlos, diretora do CAM, modera a sessão.

À tarde, a partir das 14h30, a discussão centra-se nas particularidades do edifício: *O CAM de Leslie Martin: entre o Hangar e o Museu*. Intervêm na conversa os arquitetos Nuno Grande e Mário Krüger, o curador Delfim Sardo e o artista Pedro Cabrita Reis.

Às 17h, dar-se-á a derradeira ativação da obra *Aerotiv*, de André Guedes, uma instalação situada no *hall* e que foi recentemente doada ao CAM pelo artista. ■

Até 19 de janeiro

CENTRO DE ARTE MODERNA

De terça a domingo, das 10h às 18h.



Raija Malka, *Drop Shot*, 2013

Gymnasion

Raija Malka

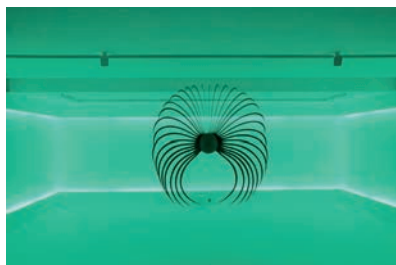
No dia 26, termina a exposição da artista plástica e cenógrafa Raija Malka, que, desde meados de novembro, ocupa a Sala de Exposições Temporárias do CAM. Um espaço que lhe sugeriu um ginásio, no qual a artista reflete sobre o corpo e a sua finitude. As telas que habitam o espaço situam-se algures entre a instalação, o cenário e a arquitetura, criando estimulantes jogos de perceção, que convocam o corpo, mas também uma reflexão sobre a vida e a morte. ■

Até 26 de janeiro

CENTRO DE ARTE MODERNA

De terça a domingo, das 10h às 18h.

Próximas exposições no CAM



Burning In The Forbidden Sea, 2011

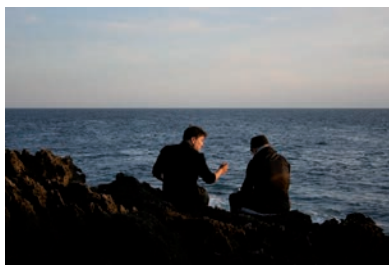
Rui Chafes

O PESO DO PARAÍSO

13 de fevereiro a 18 de maio

Curadoria: Isabel Carlos

Exposição antológica que abrange vinte anos de produção de um dos mais importantes artistas da sua geração. Rui Chafes (Lisboa, 1966) é uma figura notável do movimento de retorno à escultura que se verificou nos finais do século XX.



Sea, 2008

João Tabarra

NARRATIVA INTERIOR

13 de fevereiro a 18 de maio

Curadoria: Sara Antónia Matos

Mostra que reúne trabalhos de João Tabarra (Lisboa, 1966) realizados ao longo dos últimos vinte anos, bem como uma série de obras especificamente concebidas para esta exposição sobre o uso, o poder e as possibilidades históricas da imagem



Smooth Criminal, 2012

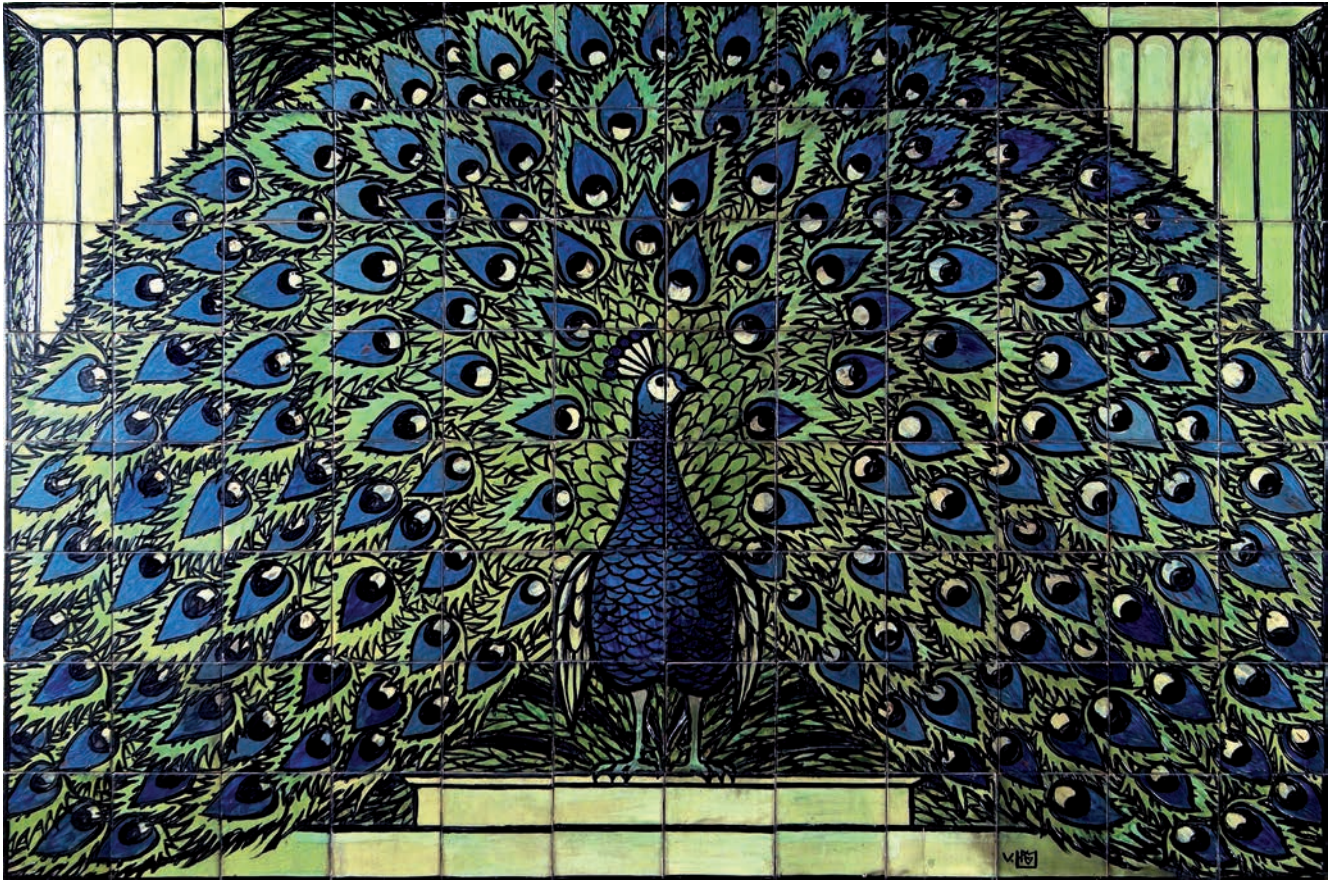
Nadia Kaabi-Linke

PRESO POR FIOS

13 de fevereiro a 25 de maio

Curadoria: Isabel Carlos

Primeira exposição em Portugal da artista Nadia Kaabi-Linke (Tunes, 1978), que vive e trabalha em Berlim. As suas instalações, objetos e trabalhos pictóricos incorporam contextos urbanos, a partir de memórias e identidades construídas sobre bases geográficas e políticas.



Painel de Azulejos, Pavão, de Max Laeuger, 1908 © Nederlands Tegelmuseum, Otterlo

O Brilho das Cidades A Rota do Azulejo

Até dia 26, ainda pode ver a exposição produzida pelo Museu Gulbenkian e que parte dos magníficos azulejos Iznik da sua coleção para oferecer uma panorâmica desta arte milenar, reunindo exemplares únicos oriundos de coleções europeias de referência.

Usados no revestimento dos interiores e exteriores dos edifícios, os azulejos mantiveram o brilho e a luminosidade das superfícies durante séculos. Nascida no Médio Oriente, a arte passou ao mundo islâmico, expandindo-se posteriormente ao mundo cristão. Esta capacidade de sedução entre culturas deu origem a um património comum, símbolo de uma fértil ponte cultural entre o Oriente e o Ocidente e que esta exposição profusamente ilustra. ■

Até 26 de janeiro

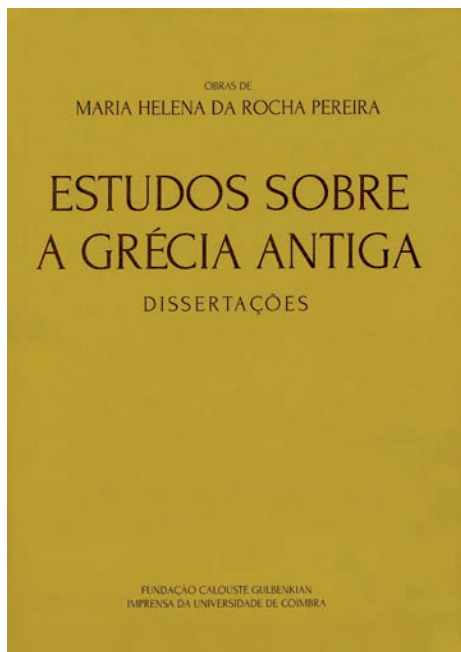
GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

EDIFÍCIO SEDE

De terça a domingo, das 10h às 18h.



Azulejo com rosa Arte Nova, Bélgica, 1901-1910 © Direcção Geral do Património cultural / Arquivo de Documentação fotográfica / foto: José Pessoa



As obras de Maria Helena da Rocha Pereira

O livro *Estudos sobre a Grécia Antiga. Dissertações* marca o início da publicação das obras completas da filóloga, professora e investigadora, Maria Helena da Rocha Pereira, numa parceria entre a Fundação Calouste Gulbenkian e a Imprensa da Universidade de Coimbra.

Figura central da cultura portuguesa, Maria Helena da Rocha Pereira tem uma obra vasta, a publicar ao longo de dez volumes, e que neste primeiro tomo se traduz na edição dos primeiros escritos académicos: a tese de doutoramento (*Concepções Helénicas de Felicidade no Além, de Homero a Platão*) e a tese de concurso para professor associado (*Sobre a Autenticidade do Frg.44 Diehl de Anacreonte*). Tal como explica a autora, em nota prévia à edição, as obras agrupadas por assuntos são o resultado do seu trabalho ao longo de mais de seis décadas.

No prefácio deste volume, Artur Santos Silva realça o seu papel como colaboradora “imprescindível da atividade da Fundação” e considera os seus estudos da Antiguidade como um trabalho com profundos reflexos no presente. Diz o presidente da Fundação Gulbenkian que a autora encontra nos clássicos “chaves insubstituíveis para abordar, com um olhar sempre enraizado nas grandes opções dos nossos dias, os valores maiores da cidadania, da dignidade, da consciência, da justiça, da beleza, da sabedoria”.

Num segundo prefácio do livro, o diretor do conselho editorial da Imprensa da Universidade de Coimbra descreve os trabalhos da autora como “paradigmas notáveis de qualidade e dedicação incondicional à ciência e à cultura”. No entender de Delfim Ferreira Leão (seu antigo discípulo), a publicação da obra de Maria Helena da Rocha Pereira é um dos “momentos marcantes de uma casa editorial que celebra 240 anos de existência”. ■

OUTRAS EDIÇÕES:

Estudos de História da Cultura Clássica (5ª edição)

Maria Helena da Rocha Pereira

Teatro – Volume I

Teatro de Aforismos – Volume II

Obras Completas de Vicente Sanches

Teorias Sociológicas

Os fundadores e os clássicos, volume I (7ª edição)

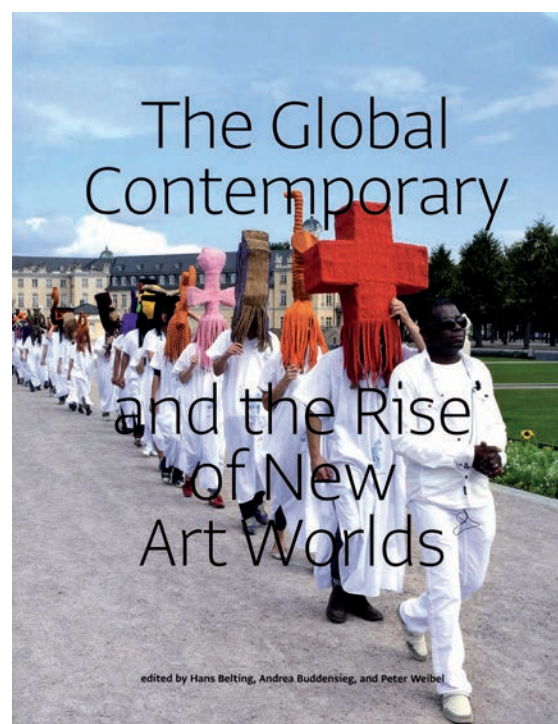
M. Braga da Cruz

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

Depois de ter sido inaugurada no Brooklyn Museum (Nova Iorque), a exposição dedicada às aguarelas do pintor americano nascido em Itália, educado em Paris e residente em Londres, John Singer Sargent (1856-1925) pode ser visitada até 20 de janeiro no Museum of Fine Arts de Boston (MFAB), viajando finalmente para o Museum of Fine Arts de Houston (MFAH), onde ficará entre 2 de março e 26 de maio. A ideia da exposição e a sua organização foi da responsabilidade conjunta do Brooklyn Museum e do MFAB, de cujas coleções vieram as aguarelas expostas - cerca de 100 -, sendo que um terço pertence ao acervo do museu de Nova Iorque e as restantes do museu de Boston. Conhecido, apreciado e celebrado na época pelos seus retratos sofisticados de membros da alta sociedade, no início do século 20, John Singer Sargent saiu do ateliê e dedicou-se ao exercício da pintura de aguarela. Muitas das aguarelas foram pintadas, entre 1902 e 1911, a partir da observação direta das cenas pitorescas de lugares visitados ao longo de viagens que incluíram a Itália, o Médio Oriente, Espanha e Portugal. Na lista das obras expostas constam duas aguarelas que J. Singer Sargent terá pintado em Portugal, cujos títulos são, respetivamente, “Viana do Castelo, Portugal” (c.1903) da coleção do MFAB e “Portuguese boats” (c.1903) do Brooklyn Museum. Para acompanhar a exposição foi produzido um catálogo que, para além de dois textos de duas das curadoras da exposição – Erica E. Hirsler e Teresa A. Carbone - e de um ensaio sobre as técnicas utilizadas por Sargent, reproduz a cores as obras expostas, com a respetiva lista, tem um bibliografia selecionada e uma cronologia da vida e obra do pintor entre 1900 e 1917.



Nothing to declare? *World maps of art since '89* foi uma das exposições que marcou o primeiro semestre do ano de 2013, realizada pela Akademie der Künste de Berlim, entre 1 de fevereiro e 26 de maio. Foi uma espécie de continuação de uma outra intitulada *The Global Contemporary*, realizada em 2006, no Zentrum für Kunst und Medientechnologie (ZKM) de Karlsruhe, na sequência de um projecto de investigação que aquela instituição alemã tem vindo a desenvolver. O foco da exposição berlinense – que contou com a colaboração do ZKM – centrou-se nas constantes alterações geopolíticas, económicas, sociais e culturais que o mundo contemporâneo tem vindo a ser palco desde o final da década de 1980 e das suas implicações/consequências no panorama da criação artística, como a emergência e a proliferação de circuitos expositivos fora dos habituais, em países que eram, até há pouco, tidos como periféricos e excluídos da narração da história da arte, como a China, o Brasil, a Turquia e a África do Sul. Desta exposição resultou não um mero catálogo, mas um livro editado pela MIT Press e pelo ZKM com o título *The Global Contemporary and the Rise of New Art Worlds*. Com a responsabilidade editorial do curador e historiador de arte Hans Belting (n.1935), da curadora e responsável pelo projecto “Global art and the museum” Andrea Buddensieg e do artista e teórico Peter Weibel (n.1944), está dividido em três partes: “Introdução”; “Quarto das histórias” e “Ensaios”. Entre os autores, para além dos três coordenadores, contam-se igualmente o crítico, cineasta e historiador de arte Manthia Diawara (n.1953), o historiador e crítico de arte Terry Smith (n.1944), o curador e crítico de arte Gerardo Mosquera (n.1945) e a curadora e investigadora Sara Giannini. Nos ensaios inclui-se ainda uma entrevista com o curador da exposição seminal *Magiciens de la terre* (1989), Jean-Hubert Martin. Sem dúvida, este livro é um importante contributo para a reflexão e a discussão sobre as práticas artísticas do mundo contemporâneo.



Biblioteca de Arte

L'art dans la décoration extérieure des livres, en France et à l'étranger

Em abril de 1893, uma pequena notícia do jornal *New York Times* dava conta da presença na cidade de Octave Uzanne, “eminente autor francês”. Após a enumeração de algumas das obras que tinha realizado, e pelas quais era conhecido e apreciado entre os bibliófilos americanos, o artigo afirmava que Uzanne era “o chefe da nova escola de amantes do livro para os quais a formação de uma biblioteca não é apenas a coleção, pelo poder do dinheiro, de livros valiosos, mas uma seleção, uma expressão de um gosto individual, cuja finalidade deve ser a realização dos mais elevados ideais da produção do livro.” *

As décadas que precederam o *fin de siècle*, até sensivelmente ao início da I Guerra Mundial, foram palco de uma intensa atividade bibliófila de que Octave Uzanne (1851-1931) foi um dos mais brilhantes intervenientes: como autor, deixou mais de cinquenta obras de ficção e de crítica, como *L'éventail* (1882) e *La reliure moderne et artistique* (1887), mas também como editor e fundador de três influentes revistas francesas da época, dedicadas ao livro, respetivamente, *Le livre: Bibliographie moderne* (1880-89), *Le livre moderne* (1890-91) e *L'Art et l'idée: Revue contemporaine du dilettantisme littéraire et de la curiosité* (1892-93). O envolvimento de Uzanne com o livro e as suas artes data da década de 1870, quando se instalou em Paris e passou a frequentar tertúlias e a pertencer a sociedades como a *Société des amis des livres* (primeira associação francesa de bibliófilos, que Uzanne abandonou para cofundar, em 1889, a *Société*

des bibliophiles contemporains e, em 1896, a *Société des bibliophiles indépendants*).

Em 1894, Octave Uzanne escreveu um artigo para a revista *Scribner's Magazine* – com ilustrações de Albert Robida – cujo título nos recorda, curiosamente, recentes e contemporâneas polémicas sobre este tema: “The end of books” (O fim dos livros). Conquanto fosse bibliófilo, Uzanne não só estava a par dos progressos tecnológicos aplicados às artes da impressão e da edição, como os utilizava nas suas obras. E se, por um lado, neste texto, premonitoriamente, Octave Uzanne descrevia a emergência de novos suportes e meios que tenderiam a substituir progressivamente o papel e o livro nos hábitos de leitura do homem moderno, por outro, acreditava não apenas na sobrevivência, como na longevidade do livro. Para isso, o livro deveria ser, sobretudo, um objeto de deleite e fruição sensorial, e não só de prazer intelectual. Nos seus livros, Octave Uzanne cuidou especialmente das encadernações, onde a seda lavrada se combina com a fina pele gravada a ouro, da composição de cada página, da forma, por vezes luxuriante, como o texto e as ilustrações se conjugam, da textura do papel, cuidadosamente escolhido. Cada livro é assim o resultado de colaborações várias – de artistas como Paul Avril e Félicien Rops, ilustradores como Albert Robida e Adolphe Lalauze, impressores, gravadores e encadernadores – que o transfiguram num objeto de desejo para bibliófilos e colecionadores de obras de arte.



O gosto entusiasta de Octave Uzanne pelos livros belos levou-o, em 1898, a escrever *L'art dans la décoration extérieure des livres, en France et à l'étranger; les couvertures illustrées, les cartonnages d'éditeurs; la reliure d'art*. Como ele próprio afirma na introdução intitulada "Do gosto atual na decoração exterior dos livros", trata-se de um volumoso "livro-álbum" documentando as diversas técnicas e tendências decorativas então em voga na encadernação de livros de luxo. Profusamente ilustrado com exemplos de capas e encadernações de obras contemporâneas, editadas em França, na Alemanha, em Inglaterra e nos Estados Unidos, este livro teve duas tiragens: uma de mil exemplares, em papel *vélin*, numerados de 61 a mil, e uma outra de apenas 60 exemplares em papel Japão, numerados de 1 a 60. Sabendo-se que os livros foram companheiros sempre presentes na vida de Calouste Gulbenkian, tanto como objetos de deleite e fruição estética, como instrumentos de estudo e de trabalho, é sem surpresa que encontramos na sua biblioteca particular treze obras de Octave Uzanne, entre as quais o exemplar n.º 28 da edição especial deste livro. Com uma encadernação luxuosa, em marroquim verde, gravada com motivos florais a vermelho e dourado, com a marca de um dos mais requintados e inovadores mestres encadernadores do tempo, Joseph William Zaensdorf (1853-1930), este exemplar tem ainda um valor especial por conter a assinatura, a lápis, de Calouste Gulbenkian. ■

Ana Barata

"He is the chief of the younger school of book lovers in the view of whom the formation of a library is not only the collection, by force of Money, of valuable books, but a selection, an expression of individual taste, the end of which shall be a realization of the most elevated ideals in bookmaking."

TÍTULO/ RESP *L'art dans la décoration extérieure des livres en France et à l'étranger : les couvertures illustrées, les cartonnages d'éditeurs, la reliure d'art* / par Octave Uzanne
PUBLICAÇÃO Paris : Société française d'éditions d'art, L. Henry May, 1898

DESCR. FÍSICA VI, 272, [4] p., [63] f. il.: il., estampas color.; 30 cm

NOTAS Ex. n.º 28 duma tiragem de 60, assinado por Calouste Gulbenkian. Enc. em marroquim verde, pastas decoradas com 3 filetes dourados e flores vermelhas e douradas; 5 nervos na lombada, capas com flores douradas, título na 2ª, autor na 4ª e data no pé; seixas douradas com motivos vegetalistas e guardas em seda verde. Enc. assinada por Zaensdorf

PROVENIÊNCIA Coleção Calouste Gulbenkian – Documentação

COTA(S) EN 5

Nº1 Abril de 1997



ALPHONSE MUCHA
e o Espírito Arte Nova

Nº2 Janeiro de 1998



AMADEO DE SOUZA-CARDOSO
Exposição em Madrid

Nº3 Maio de 1998



Parque Gulbenkian
um oásis no coração da cidade

Laurent Avon
Interacção com a Dama Encantada

A Fundação
na Interacção
Gulbenkian


Interacção
no Parque Gulbenkian

Nº4 Maio de 2000



Temporada
de Música
e Dança 2000/2001

Nº5 Setembro de 2000



“Este espaço sempre presente na realidade
é um espaço de cultura, de história, de memória.
Por isso, a sua renovação, a sua transformação, a sua
reabilitação, a sua requalificação e a sua
reconstrução são um desafio e uma oportunidade
para a Fundação Calouste Gulbenkian e para
o espaço que a Fundação Calouste Gulbenkian ocupa
na cidade de Lisboa.”

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



PROJECTOS INOVADORES E TRANSVERSAIS
ARTAFRICA
PRÁTICAS CRIATIVAS CONTEMPORÂNEAS

EDIFÍCIOS E EQUIPAMENTOS REQUALIFICAR E REORGANIZAR

OLHARES CRUZADOS UM BALANÇO

ENCONTROS DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA ORIENTE-OCIDENTE: APROXIMAÇÃO E CRUZAMENTOS

SAÚDE PROJECTOS EM CURSO

NEWSLETTER

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

26 E 27 DE OUTUBRO
CONFERÊNCIA GULBENKIAN
DEBATE FUTURO DA EUROPA

TERESA GOUVEIA NO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA FUNDAÇÃO

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



o mar e a luz

AGUAZELAS DE TURNER NA COLEÇÃO DA TATE NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



MARTIN ESSAYAN NO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA FUNDAÇÃO

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

EXPOSIÇÃO
À LUZ DE EINSTEIN

DESCOBRIR A MÚSICA
NOVO PROJECTO EDUCATIVO

NEWSLETTER 150 DESDE 1997


FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN 50 anos



UMA PEQUENA FLAUTA MÁGICA

NAVIO BRUNEL S. S. GREAT BRITAIN VENCE GULBENKIAN PRIZE FOR MUSEUM OF THE YEAR

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



A CIÊNCIA TERÁ LIMITES?
IS SCIENCE NEAR ITS LIMITS?
CONFERÊNCIA GULBENKIAN - LISBOA 25-26 OUTUBRO 2007

O ESTADO DO MUNDO
EXPOSIÇÃO **UM ATLAS DE ACONTECIMENTOS**

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN




PROJECTO GERAÇÃO
UMA OUTRA FORMA DE INTEGRAÇÃO

OBRAS DE ARTE DA COLEÇÃO AGA KHAN NO MUSEU GULBENKIAN
EXPOSIÇÃO COMEMORA 300 ANOS DA CHEGADA DA CORTE PORTUGUESA AO BRASIL

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

NEWSLETTER

A Evolução de Darwin
em exposição



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER



O Sonho
Ópera de Pedro Amaro



Turma bilingue



50



Grande Auditório em renovação